

Relatório de Estágio

Assunto: Avaliação de Estágio

Resumo: Este estágio foi realizado pelo estudante Nuno Gonçalo Antunes Martins do Vale, matriculado na Rua Alameda Cadafalcos, n.º 14 - 4.º D.º, 1400 Lisboa, com o número de matrícula de 10333213, de 10.5.1997, sendo este estágio de investigação de Licença no Curso de Estudos Pedagógicos Lattes, e para este Director de curso que me foi feita a seguinte:

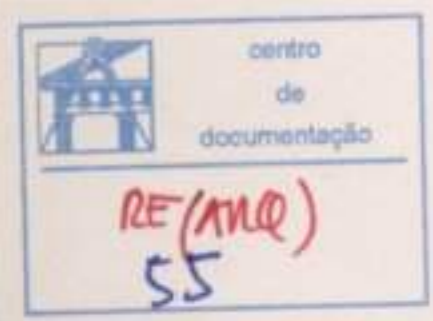
- Avaliar a qualidade dos trabalhos e bem desenvolvidos da actividade como Nuno Antunes;
- Analisar os trabalhos e os resultados em geral, sendo desenvolvidas investigações científicas e históricas de carácter de ensino;
- Uma conclusão sobre o estágio;
- Criatividade e iniciativa;
- Empenho e interesse;
- Disponibilidade e colaboração para uma variada gama de trabalhos, métodos e técnicas de ensino no plano de estágio.

Para concluir que, o estudante Nuno Gonçalo Antunes Martins do Vale, realizou trabalhos científicos e históricos de carácter de ensino, que se enquadram no nível de investigação científica e histórica, com um carácter de aplicação.

Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

Nuno Gonçalo Antunes Martins do Vale

Assunto: Avaliação de Estágio





FUNDAÇÃO CONVENTO DA ORADA - FUNDAÇÃO PARA A SALVAGUARDA E REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO
7200 MONSARAZ

À

Faculdade de Arquitectura da
Universidade Técnica de Lisboa

Assunto: Avaliação de Estágio

Relativamente ao estágio efectuado pelo Arquitecto Estagiário **Nuno Gonçalo Antunes Martins do Vale**, residente na Rua Alvisse Cadamosto, n.º 4 – 4º Dt.º, 1400 Lisboa, com o telefone n.º 3016558, portador do B.I. n.º 10333413, de 10.9.1997, emitido pelo Arquivo de Identificação de Lisboa; no Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos, e como seu Orientador declaro que me foi dado a constatar:

- Apetência e qualidades naturais para o bom desempenho da actividade como futuro Arquitecto;
- Altas qualidades para trabalhar em grupo, tendo desenvolvido investigação científica a nível documental e de campo;
- Bons conhecimentos técnicos;
- Criatividade e iniciativa;
- Empenhamento e interesse;
- Disponibilidade e colaboração para uma variada gama de trabalhos, mesmo não se inserindo no plano de estágio;

Pode concluir-se que o Arquitecto Estagiário **Nuno Gonçalo Antunes Martins do Vale**, realizou trabalhos proveitosos e indicados para as actividades do Centro de Estudos, quer ao nível da investigação científica e histórica, como em projectos de Arquitectura.

Lisboa, 10 de Setembro de 1998.

O Orientador

(Mestre Arquitecto João Alberto Correia)

SEDE
CONVENTO DA ORADA - 7200 MONSARAZ
TEL. 066.557313/ 066.557314/ 066.557412/ 066.557414 FAX. 066.557381
DELEGAÇÃO
RUA DAS PEDRAS NEGRAS, Nº 30 R/C ESQ. - 1100 LISBOA
TEL. 01.8870676 FAX. 01.8871422

Re (Arq.) - 55

Relatório de Estágio

Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos da Fundação Convento da Orada

Estágio orientado por Mestre Arq.º João Alberto Correia

Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

Nuno Gonçalo Antunes Martins do Vale



FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBLIOTECA



0990012024

FACULDADE DE ARQUITECTURA
05960
(Centro de Documentação)

Índice

Capítulo I

- 5 Introdução

Capítulo II

Primeira Fase

- 10 Análise da Arquitectura erudita no Alentejo dos séculos XV e XVI
- 13 Tardo-Gótico
- 24 Maneirismo
- 31 Estilo Chão

Segunda Fase

- 39 Estudo tipológico de um programa habitacional
- Caracterização do local de intervenção
- 40 Estudo tipológico

Terceira Fase

- 45 Concurso de concepção do edifício sede da EDIA
- Caracterização do sítio
- 46 Filosofia de intervenção
- 49 Análise Programática

Capítulo III

- 58 Conclusão
- 60 Bibliografia

Agradecimentos

Ao Presidente da Fundação Convento da Orada Professor Doutor Arquitecto João Rosado Correia, pela oportunidade que me foi dada em poder efectuar este meu estágio.

Ao Mestre Arquitecto João Alberto Correia e restantes elementos do Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos da Fundação Convento da Orada pela orientação, ajuda e compreensão que sempre demonstraram.

Lisboa, 10 de Setembro de 1998

Nuno Gonçalo Antunes Martins do Vale

Introdução

O Estágio desenvolvido no Centro de Estudos Pedagógicos Lactários da Fundação Coarante de Onda Verde é a primeira em três instâncias curriculares distintas, que ao nível da unidade, quer ao nível da abordagem metodológica das aulas rotativas.

O estágio divide-se, desta forma, em três fases:

- Primeira – Análise da Realidade Local realizada no Alameda das sessões XV e XVI
Realizada na semana de Fevereiro, Março e Junho de 1988
- Segunda – Estudo pedagógico de um programa rotativo
Realizado na mês de Abril de 1988
- Terceira – Caracterização da organização do núcleo sede da EUBA
Realizada na semana de Maio e Junho de 1988

A primeira fase do curso teórico, realizada no âmbito da investigação e da prática do participante no projeto "Verde de Onda e de Formas no Alameda - O João II, D. Manuel e D. João III". A abordagem neste projeto incide, ao nível da investigação pedagógica, teórica, metodológica e prática da realidade em questão.

Capítulo

Metodologia de ensino, aprendizagem, avaliação e análise da prática

- A importância e a qualidade da intervenção pedagógica e a prática, baseada em:
- Teoria e prática
- Caracterização da prática com base na análise crítica realizada nos meses de estágio, de forma a compreender os processos de aprendizagem de acordo com a abordagem teórica.
- A metodologia teórica e de campo

Introdução

O Estágio desenvolvido no Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos da Fundação Convento da Orada incluiu a participação em três trabalhos completamente distintos, quer ao nível da temática, quer ao nível da abordagem metodológica das tarefas realizadas.

O estágio dividiu-se, desta forma, em três fases:

- **Primeira** – Análise da Arquitectura erudita no Alentejo dos séculos XV e XVI

Realizada nos meses de Fevereiro, Março e Julho de 1998

- **Segunda** – Estudo tipológico de um programa habitacional

Realizada no mês de Abril de 1998

- **Terceira** – Concurso de concepção do edifício sede da EDIA

Realizada nos meses de Maio e Junho de 1998

A **primeira fase**, de cariz teórico, inseriu-se no trabalho de inventariação e de publicação respeitante ao projecto "Vasco da Gama e os Humanistas no Alentejo – D. João II; D. Manuel I; D. João III". A colaboração neste projecto exerceu-se ao nível da investigação bibliográfica, histórica, iconográfica e gráfica da realidade arquitectónica quinhentista alentejana nas suas várias expressões, tendo, contudo, a minha área de especialização incidido na parte histórico-arquitectónica de levantamentos e digitalizações.

Metodologia na recolha, inventariação, sistematização e análise dos dados:

- Identificação e qualificação da informação manuscrita e impressa: desenhos, fotografias e textos;
- Complementação desta com material original recolhido nos locais em estudo, de forma a compensar eventuais deficiências ou lacunas na informação recolhida;
- Sistematização individual e de conjunto.

Como estagiário foi-me dado participar em levantamentos arquitectónicos de uma grande maioria dos exemplares estudados.

O trabalho científico foi constituído pelos seguintes professores investigadores:

- Professor Doutor Arquitecto João Rosado Correia
- Professor Doutor Horácio Bonifácio
- Professora Doutora Marieta Dá Mesquita
- Professor Doutor José Custódio Vieira da Silva
- Professor Doutor Baquero Moreno

Tratando-se de um trabalho inserido na base de dados do Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos da Fundação Convento da Orada, o objectivo final a atingir consistia na recolha e caracterização do maior número de exemplares abrangidos pelo contexto espaço-temporal definido (1481 – 1557).

Como ponto culminante do trabalho foi desenvolvida uma ficha tipolizada para inventariação de cada um dos imóveis estudados.

A **segunda fase** do estágio incidiu no estudo tipológico de um programa habitacional contemplado num estudo de viabilidade para a Av. Dantas Carneiro, Lote n.º 5 em Caminha, Portugal.

Este trabalho apresentava-se com um cariz iminentemente prático, mais ligado ao "projectar", característico da função de um Arquitecto.

Metodologia aplicada na realização dos trabalhos:

- Levantamento da área de intervenção;
- Análise dos dados recolhidos e identificação de características determinantes e valorativas para o desenvolvimento do projecto;
- Definição da filosofia de intervenção;
- Investigação de situações similares ou aplicáveis, servindo de suporte referencial;
- Desenvolvimento das propostas com base numa atitude de experimentação contínua;

A equipa de projectistas foi composta pelos seguintes arquitectos:

- Professor Doutor Arquitecto João Rosado Correia
- Arquitecto Rui Correia
- Arquitecto Paulo Sampaio

A **terceira fase** do estágio consistiu na colaboração com a supracitada equipa do projecto anterior para um concurso de elaboração do edifício sede da EDIA – Empresa de desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, S. A. O projecto elaborado ficou classificado em primeiro lugar e a obra foi adjudicada.

Este desafio apresentava-se de dificuldade acrescida, tendo em conta que se tratava de um concurso com todas as características de celeridade a ele adstritas. Dificuldade, paralelamente, pela complexidade do programa em questão e pelas dimensões do edifício a construir, sendo a sua área de construção bruta estimada em 4940 m².

Conceber um edifício sede de uma empresa que pretendia um discurso arquitectónico funcional e emblemático, mas também referenciado à região, seus padrões e suas tradições, é sempre um desafio aliciante para qualquer arquitecto.

As metodologias empregues contemplaram os seguintes aspectos:

- Levantamento da área de intervenção e enquadramento legislativo aplicável;
- Análise dos dados levantados e definição da filosofia de intervenção;
- Estudo completo do programa preliminar, organização funcional exigida e áreas funcionais globais, bem como do organigrama de distribuição do pessoal;
- Concepção e desenvolvimento das propostas com base numa atitude de experimentação contínua em matrizes operativas de 2 e 3 dimensões (maquetes e suporte digital).

Nesta fase, pretendia-se que a proposta a submeter a concurso fosse executada ao nível de um estudo prévio, com todo o suporte necessário ao perfeito entendimento dos espaços do edifício.

A minha colaboração foi mais efectiva ao nível da criação de um modelo tridimensional de suporte informático, de modo a que fosse possível extrair diversas

imagens virtuais do projecto a construir. Desta forma, o edifício em proposta e as suas espacialidades internas e exteriores passam a ser compreensíveis e entendíveis mais facilmente.

Esta maquete virtual serviu essencialmente como base operativa de simulação de diversas situações, permitindo um constante "diálogo" dos autores com o objecto projectado – as múltiplas experiências e testes até culminarem na proposta definitiva e cristalizada.



Análise da Arquitectura erudita no Alentejo dos séculos XV e XVI

Capítulo



Primeira
Fase

Análise da Arquitectura erudita no Alentejo dos séculos XV e XVI

Caracterização do objecto em estudo

O findar do século XX reincentivou as investigações relacionadas com a temática das descobertas, tendo em conta as suas comemorações. As comemorações dos cinco séculos das grandes descobertas portuguesas, como sejam a descoberta do caminho marítimo para a Índia (1498) e a descoberta do Brasil (1500), consubstanciam o seu ponto alto na EXPO 98. A época áurea de Portugal é tema sempre em voga, sobretudo numa ocasião destas.

Imbuído deste espírito, surge o projecto da publicação “**Vasco da Gama e os Humanistas no Alentejo**”.

Caracterizar não só os estilos e arquitecturas, mas também os hábitos, as gentes e as culturas dessa época, entendidos como um contributo para o mundo moderno.

O período cronológico definido compreende os reinados de **D. João II**, o venturoso (1481 – 1495), por muitos historiadores considerado o maior rei de Portugal, **D. Manuel I**, o príncipe perfeito (1495 – 1521), e **D. João III**, o piedoso (1521 – 1557).

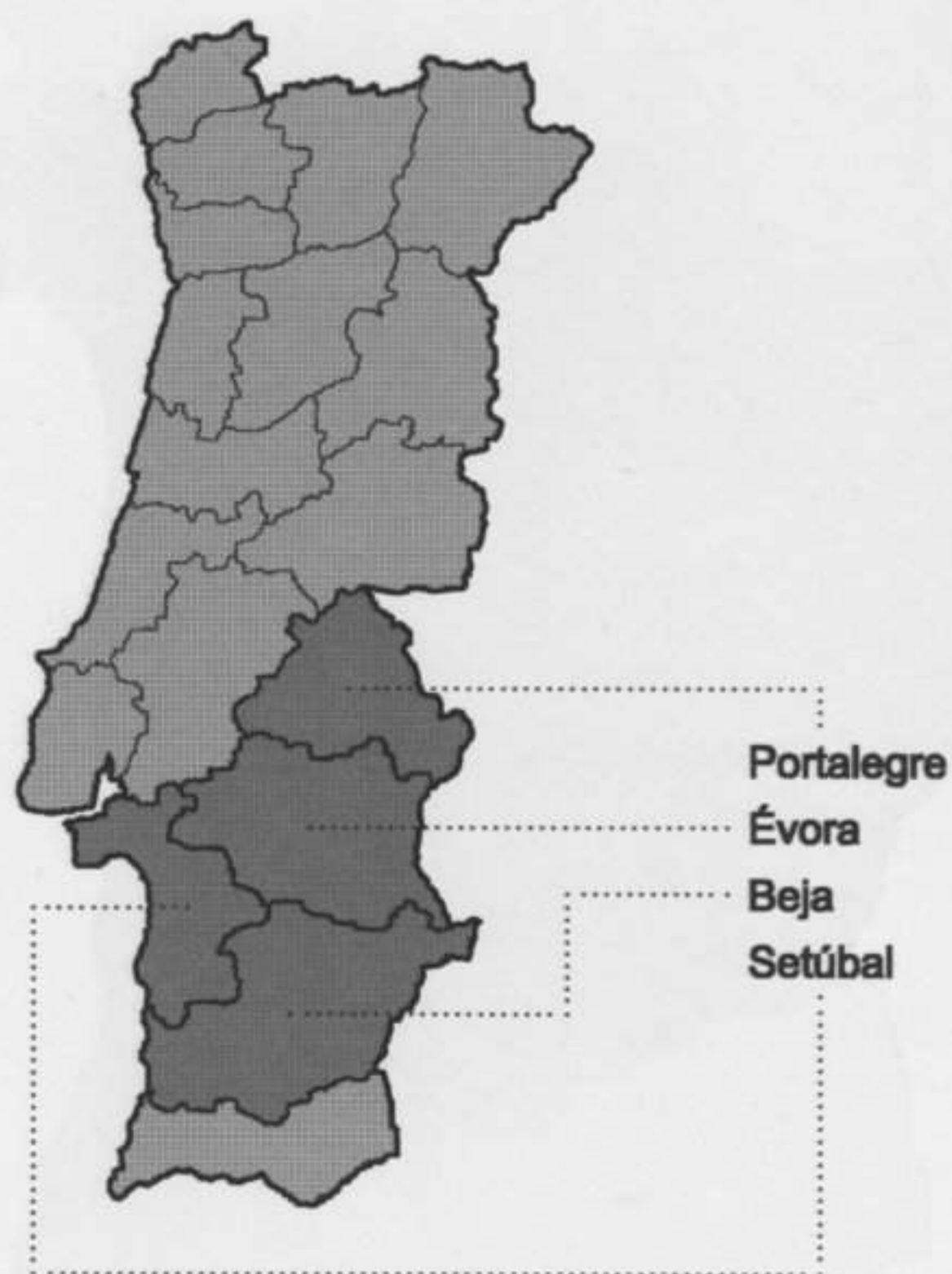


• Fig. n.º 1 – Retratos dos Monarcas: D. João II, D. Manuel I e D. João III

Reportando-nos à época em estudo, verificamos que o Alentejo assume um protagonismo crescente no final da Idade Média dentro do contexto do território português.

Findadas as reconquistas nos derradeiros anos do século XIV, surge a necessidade de povoar e de sedimentar a cultura nacional nesses territórios. O pólo da independência sofre, deste modo, um deslocamento do Norte em direcção ao Sul, levando a que muitos nobres e monarcas se fixassem regularmente nas principais cidades alentejanas, com destaque para Évora.

Caracterizar o modo como foi reapropriado o espaço do Alentejo e zonas de influência é o objectivo do texto que se segue.



• Fig. n.º 2 – Mapa de Portugal com a zona do Alentejo e áreas de influência



• Fig. n.º 3 – Mapa dos Concelhos abrangidos pelo estudo.

Perante a panóplia de edifícios e monumentos estudados e caracterizados, surgiu uma conclusão primeira imediata: no Alentejo dos séculos XV e XVI, a arquitectura erudita não pode ser classificada num estilo único e homogéneo. Sistemas de desenho múltiplos e distintos entrecruzam-se e interrelacionam-se no mesmo contexto espaço-temporal.

Esta conjuntura permite destrinçar três grandes estilos definidores da arquitectura deste período, sendo de realçar que é frequente a presença no mesmo edifício de várias tendências estilísticas díspares.

Os estilos definidores da estética alentejana quatrocentista e quinhentista são o **Gótico Final**, o qual se denomina frequentemente como Manuelino, o **Maneirismo** (onde se podem incluir as primeiras interpretações do classicismo) e o **Estilo Chão**.

De seguida é apresentada uma resumida caracterização de cada um dos estilos arquitectónicos, sob as suas várias vertentes, à qual se anexam um conjunto de exemplos significativos, sob a forma de fichas tipolizadas.

• Tardo-Gótico

A arquitectura **tardo-gótica** reveste-se de importância fundamental no Alentejo, pois o seu vasto conjunto de experiências apresenta uma homogeneidade vincadamente original. Paralelamente às características paisagísticas do Alentejo, região facilmente identificável no contexto nacional, também a sua arquitectura se apresenta como um estilo único, proveniente de influências multiculturais.

A Igreja do Mosteiro da Conceição em Beja apresenta um pioneirismo no que concerne à sua estrutura em nave única, com a eliminação do transepto e uma só capela rectangular na cabeceira. Este templo monástico serviria de modelo a repetir em muitos outros exemplares da região. A unificação do espaço que a arquitectura gótica sempre tinha perseguido era alcançada, permitindo que o espaço se visionasse sem interrupções e a palavra chegasse sem obstáculos aos ouvintes fiéis. Originalidade consistiu também na intromissão dos leigos na esfera do religioso ao

nível dos elementos decorativos. Esta atitude preconiza um individualismo cada vez mais profundo e uma religiosidade de tons intimistas e personalizados.

Desta maneira, o período (a transição) na arquitectura desse período é a produção de estruturas marcadas por uma variedade de estilos.

Estilos principais

• Mosteiro da Conceição, em Beja.

• Igreja de São Francisco (pertencente ao Mosteiro de S. Francisco), em Évora.

• Igreja de São João, em Beja.

• Igreja de São Pedro, em Beja.

• Igreja de São Martinho, em Beja.

• Igreja de São Vicente, em Beja.

• Igreja de São Roque, em Beja.

• Igreja de São Sebastião, em Beja.

• Igreja de São António, em Beja.

• Igreja de São Nicolau, em Beja.

• Igreja de São Marcos, em Beja.

• Igreja de São Pedro, em Beja.

• Igreja de São João, em Beja.

• Igreja de São Martinho, em Beja.

• Igreja de São Vicente, em Beja.

• Igreja de São Roque, em Beja.

• Igreja de São Sebastião, em Beja.

• Igreja de São António, em Beja.

• Igreja de São Nicolau, em Beja.

• Igreja de São Marcos, em Beja.

• Igreja de São Pedro, em Beja.

• Igreja de São João, em Beja.

• Igreja de São Martinho, em Beja.

• Igreja de São Vicente, em Beja.

• Igreja de São Roque, em Beja.

• Igreja de São Sebastião, em Beja.

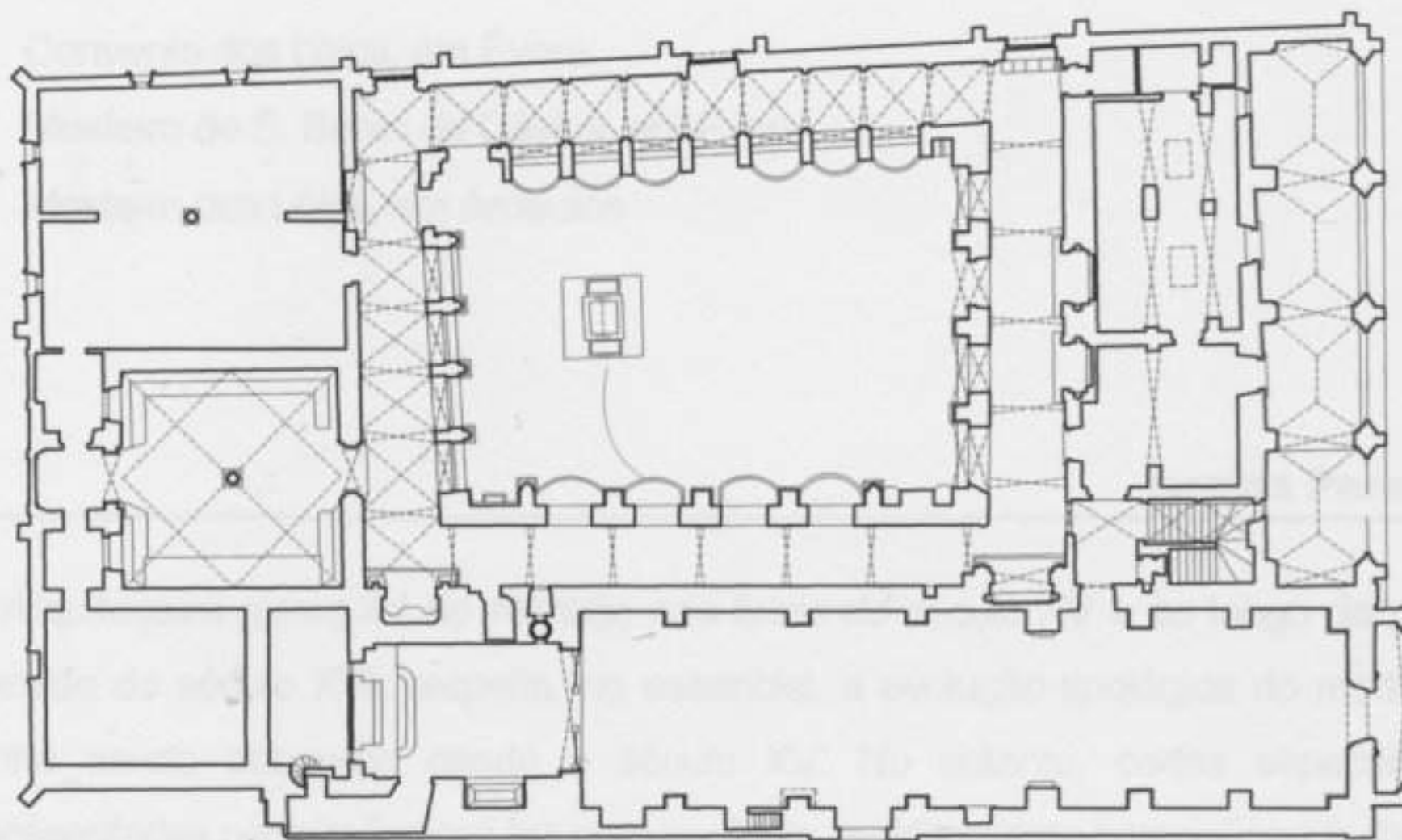
• Igreja de São António, em Beja.

• Igreja de São Nicolau, em Beja.

• Igreja de São Marcos, em Beja.

• Igreja de São Pedro, em Beja.

• Igreja de São João, em Beja.



• Fig. n.º 4 – Planta do piso térreo do Mosteiro da Conceição, em Beja

(Seg. D.G.E.M.N.)

Arquitectura Monástica

A obra que melhor representa e identifica a arquitectura monástica no período final do gótico é, segundo muitos historiadores, a igreja de S. Francisco, em Évora, pertencente ao já destruído Mosteiro franciscano. A monumentalidade conferida pela imensa nave abobadada segue o exemplo atrás descrito do Mosteiro da Conceição e passa a ser "regra" a seguir em muitos outros exemplos. O interior traduz-se, desta forma, num espaço totalmente unificado, num autêntico salão de proporções grandiosas. Os contrafortes colocados no interior das paredes exteriores, originando

paramentos lisos e sem decoração, com a disposição de capelas laterais entre eles são características perfeitamente originais e nunca antes vislumbradas em Portugal. Outra característica principal (e inovadora) na arquitectura deste período é a introdução de elementos marcados por uma sensibilidade mudejar ¹.

Edifícios estudados:

- Mosteiro da Conceição, em Beja
- Igreja de São Francisco (pertencente ao Mosteiro de S. Francisco), em Évora
- Convento dos Lóios, em Évora
- Mosteiro de S. Bento de Cástris, em Évora
- Mosteiro dos Lóios, em Arraiolos

Igrejas Paroquiais

A Arquitectura paroquial do Alentejo nos finais do século XV e ao longo da primeira metade do século XVI, respeita, no essencial, a evolução tipológica do modelo que vinha sendo adoptado desde o século XV. No entanto, certas especificidades apresentadas permite integrá-las num conjunto perfeitamente homogéneo e distinto.

A planta organiza-se num corpo de três naves desprovidas de transepto, em que a cabeceira é composta por três ou uma capela (mais frequente). Neste aspecto a similaridade com outros exemplares paroquiais no resto do país é quase total, porém, ao nível das coberturas as diferenças são notórias. No Alentejo as igrejas paroquiais eram cobertas por abóbadas de nervuras mais ou menos complexas, sendo que no restante território nacional se utilizam continuamente os tectos de madeira nas coberturas das naves. Esta característica confere aos exemplares alentejanos uma monumentalidade inconfundível à qual se acrescenta a valência da luminosidade e cor mediterrânicas, conferidas pelo uso da alvenaria rebocada e caiada.

¹ José Custódio Vieira da Silva, Vasco da Gama e os Humanistas no Alentejo

Edifícios estudados:

- Igreja de S. João Baptista, em Moura
- Igreja Matriz de Elvas
- Igreja Matriz de Viana do Alentejo
- Igreja da Madalena, em Olivença
- Igreja Matriz de Pavia
- Igreja Matriz de Arronches
- Igreja de Santiago, em Palmela

Ermidas

As ermidas alentejanas deste período apresentam-se modestas nas suas dimensões e com plantas de desenho simples. A estrutura mais frequente é a de um pequeno corpo de nave e capela rectangulares abobadadas na quase totalidade das situações. Apesar de mais modestas nas dimensões e programas, as abóbadas das coberturas apresentam uma complexidade de nervuras frequentemente mais elaboradas que a maior parte das igrejas monásticas e paroquiais. Estas tipologias são, por variadas vezes, providas de um pórtico e coroadas por um diadema de ameias decorativas, conferindo um valor acrescentado aos seus volumes.

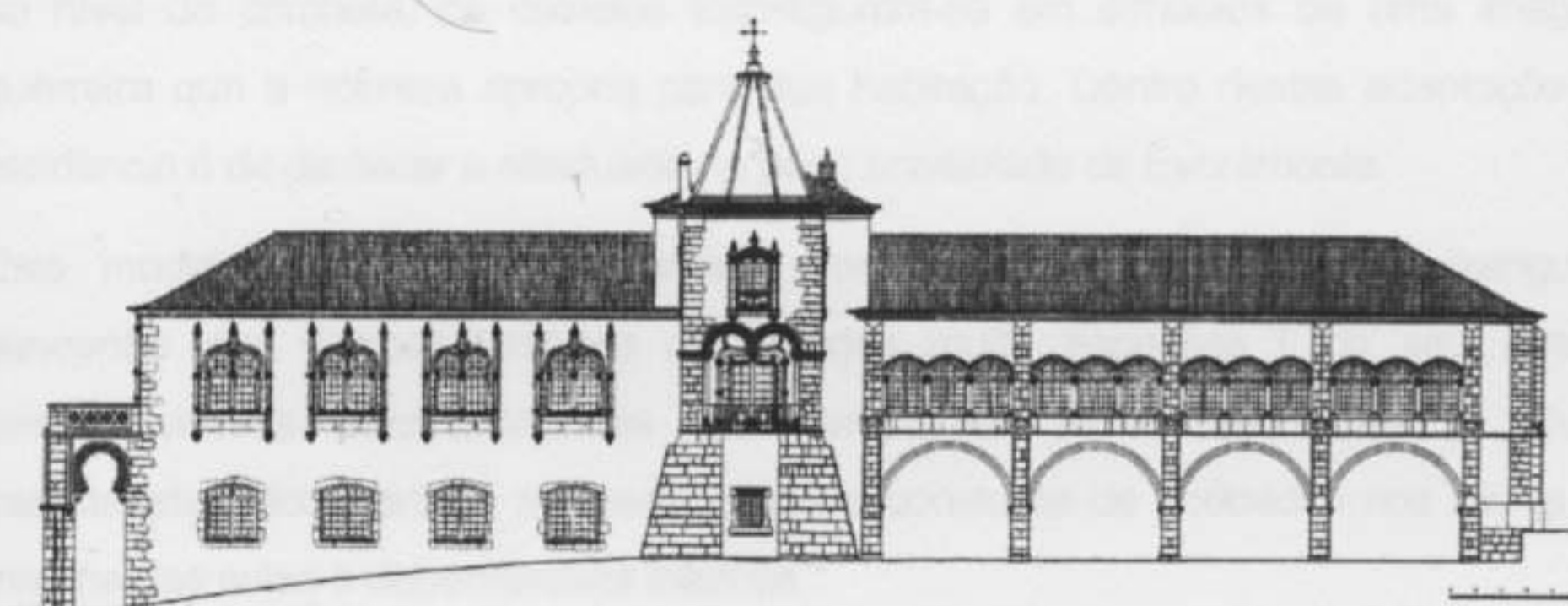
A brancura do revestimento das paredes incute nestas construções um carácter de referência visual na paisagem aberta alentejana.

Edifícios estudados:

- Capela tumular Garcia de Resende, em Évora
- Ermida de S. Brás, em Évora
- Ermida de Nossa Senhora das Salvas, em Sines
- Ermida de Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal
- Ermida de S. Sebastião, no Alvito

O monarca D. Manuel I serviu de exemplo e lançou o modelo: a "Galeria das Damas". As frequentes estadias dos reis e nobreza no Alentejo e, mais concretamente, em Évora, originaram a edificação de variados paços de nobreza. Esta facto causou inadvertidamente um fenómeno de maior amplitude ao nível do desenvolvimento urbanístico. Multiplicaram-se as construções de cariz civil, onde a presença de um assumido mudejarismo ganha forma, particularmente visível em algumas estruturas arquitectónicas e nos materiais construtivos. Ao nível das portas e janelas é frequente a modelação em arco de ferradura, como é exemplo máximo o pórtico da "Galeria das Damas", na cidade de Évora.

O pátio murado à frente da habitação era uma regra geral aplicada em inúmeros casos, tanto no campo como na cidade, denotando uma preocupação de isolamento em relação ao exterior.



• Fig. n.º 5 – Alçado principal da "Galeria das Damas", em Évora

(Seg. D.G.E.M.N.)

Edifícios estudados:

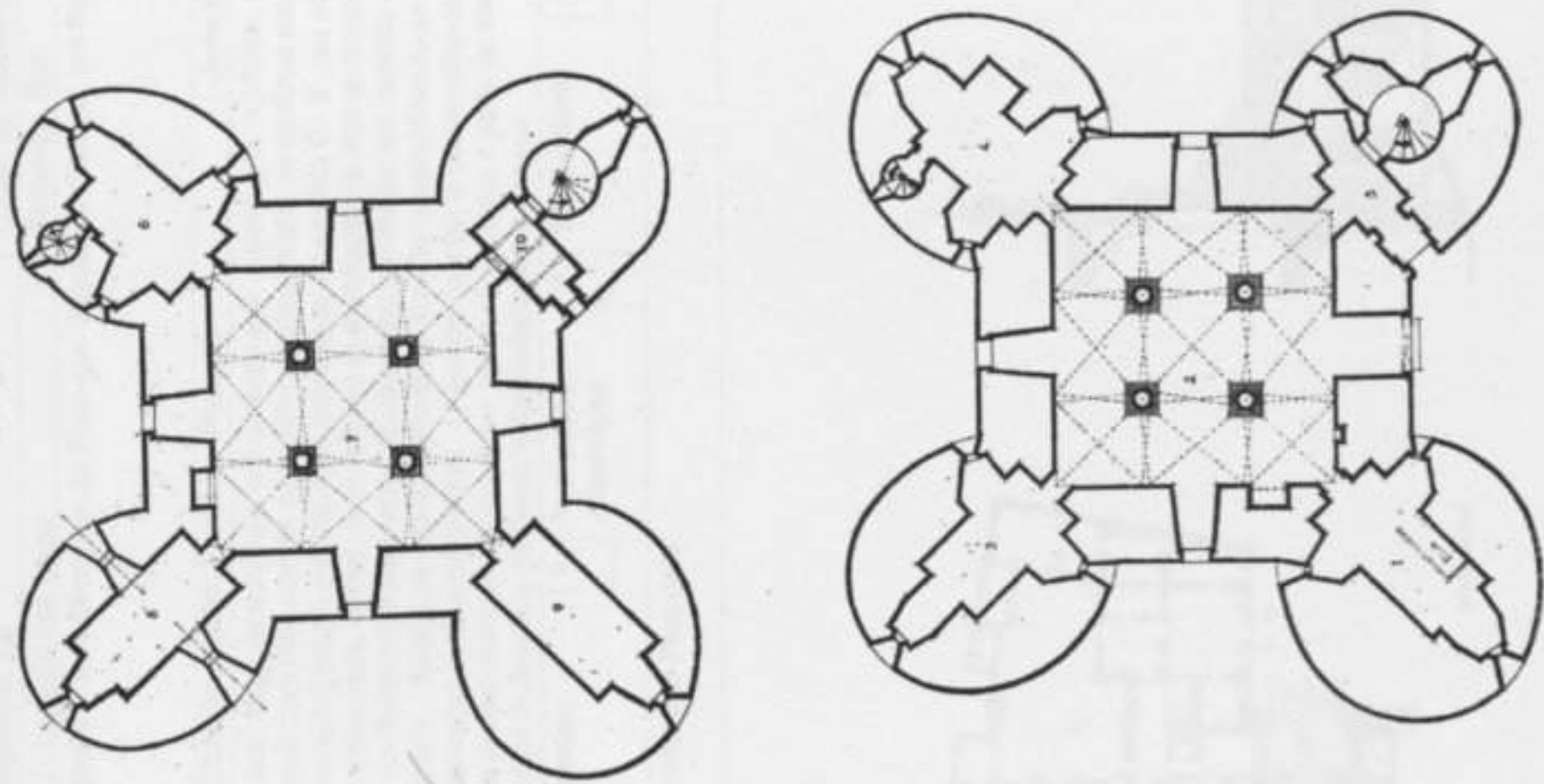
- "Galeria das Damas" – Paço de D. Manuel, em Évora
- Casa de Cadaval, em Évora
- Casa da Sempre Noiva, em Arraiolos
- Água de Peixes, no Alvito
- Paço Vasco da Gama, em Évora

A habitação da nobreza não se limita aos paços propriamente ditos. A moda europeia, começada no século XII, de erguer em plataformas artificiais as denominadas casas fortes ou torres, isoladas no meio dos terrenos senhoriais, infiltrava-se decisivamente em Portugal e no Alentejo. Estes edifícios detinham a tripla função de habitação temporária (tendo em conta as suas dimensões internas desafogadas), defesa e símbolo de poder. Neste campo a arquitectura portuguesa e alentejana não terá introduzido grandes inovações em relação ao passado, preferindo uma evolução no sentido da sublimação do último estágio da casa forte medieval.

Os castelos deste período também não reflectem grandes transformações ao nível construtivo, mesmo se levamos em linha de conta o triunfo definitivo das armas de fogo e da conseqüente necessidade de adaptação das fortificações às novas estratégias ditadas pela pirobalística. Desapropriados de funcionalidade significativa ao nível do combate, os castelos transfiguram-se em símbolos de uma imagem guerreira que a nobreza apropria para sua habitação. Dentro destas adaptações a residência é de destacar a efectuada no paço acastelado de Évoramonte.

Este modelo arquitectónico patenteia uma estrutura em planta quadrangular, nascendo dos vértices torreões de paredes muito espessas (no seu interior desenvolvem-se compartimentos de dimensões muito reduzidas). Outra característica dominante é a presença quase constante de abóbadas nos tectos da maioria das salas e dependências internas².

² José Custódio Vieira da Silva, Vasco da Gama e os Humanistas no Alentejo



• Fig. n.º 6 – Plantas do Castelo de Évoramonte

(Seg. D.G.E.M.N.)

Edifícios estudados:

- Castelo do Alvito
- Castelo de Évoramonte
- Torre das Águias, em Mora
- Castelo de Arraiolos
- Muralhas de Évora



FUNDAÇÃO CONVENTO DA ORADA

INVENTÁRIO PATRIMONIAL

IMÓVEL

ORGÃO EXECUTOR:

Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos da Fundação Convento da Orada

Distrito: Évora

Lat.:

Long.:

I - início

M - meados

F - final

Concelho: Évora

Denominação: Mosteiro de S. João Evangelista / Convento dos Lóios

Freguesia: Sé

Local: Lg. Conde de Vila Flor

Cadastr: Rua

Situação e Ambiente: Enquadramento urbano, sobre a escarpa NO. da colina de Évora, alcantilado na cota extrema, embebido em edificações do Paço dos Duques de Cadaval, em frente do Templo de Diana, harmonizado com o meio.

Época (séc.): XV / XVI / XVIII

I - início

M - meados

F - final

Utilização Actual: Turística - Pousada

Área Construída (m2): 222

Descrição e Dados Históricos: Sóbrio e elegante pavilhão térreo de planta quadrangular, vira dois paramentos para o vasto largo da acrópole, um olhando a N. e outro a O., o pórtico, de simples moldura em cantaria granítica, é antecedido de pequeno alpendre alçado por colunas dóricas, com arquivada simples e entablamento com friso corrido de tríglifos e métopas que se continua em bordadura da cimalha de todo o edifício; tem cobertura piramidal de base rectangular, sobre uma cornija horizontal de profundas molduras. Os corpos nobres do edifício desenvolvem-se no sentido O.-E., da acrópole para o paramento ocidental da Cerca Velha, que se cavalga pelos elementos limitrofes. Organizam-se, nos seus elementos essenciais, em torno do claustro quadrangular de dois andares com amplas galerias de quatro tramos ogivais, mais quatro nos ângulos das voltas; abrem-se em amplos arcos quebrados sobre fortes pilares contrafortados adornados de colunelos rematados em capitéis vegetais. Na galeria meridional, fronteira ao vão do segundo tramo claustro, rasga-se o monumental pórtico mainelado da Sala do Capitúlo. Galeria de acesso à Porta da Traição desenvolvendo-se em direcção ao paramento E. da Cerca Velha, que se abre em amplos vãos de arcatura perfeita, assentes em pilares de alvenaria adornados por colunelos simples. O grande dormitório desenvolve-se em duas plantas rectangulares perpendiculares, com faceira para a R. do Colégio, cavalgando a cerca romana. Constituinte corpo independente, desenvolvendo-se em planta rectangular a partir da testeira da igreja até à cerca, secante à linha axial do claustro e do templo, ficam as celas distintas dos elementos cimeiros da hierarquia conventual, incluindo a do Geral, e estabelecimentos anexos.

Estado de Conservação:

A Satisfatório

B Medíocre

C Mau

Em:

Estrutura Portante:

A

Elementos Secundários:

A

Cobertura:

A

Interior:

A

Instalações e Serviços:

A

Salubridade:

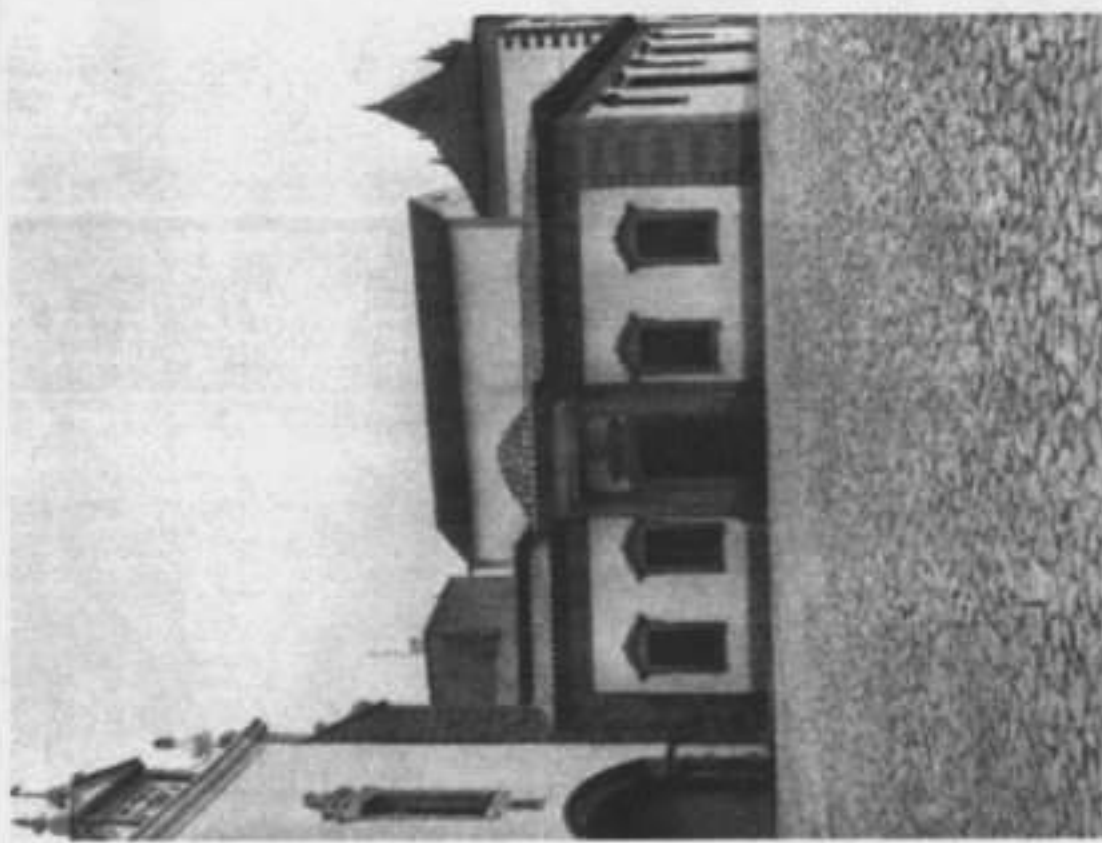
A

Grau de Protecção:

1

Protecção Existente: Monumento Nacional, Dec. ng 8.217, DG 130 de 29 de Junho 1922

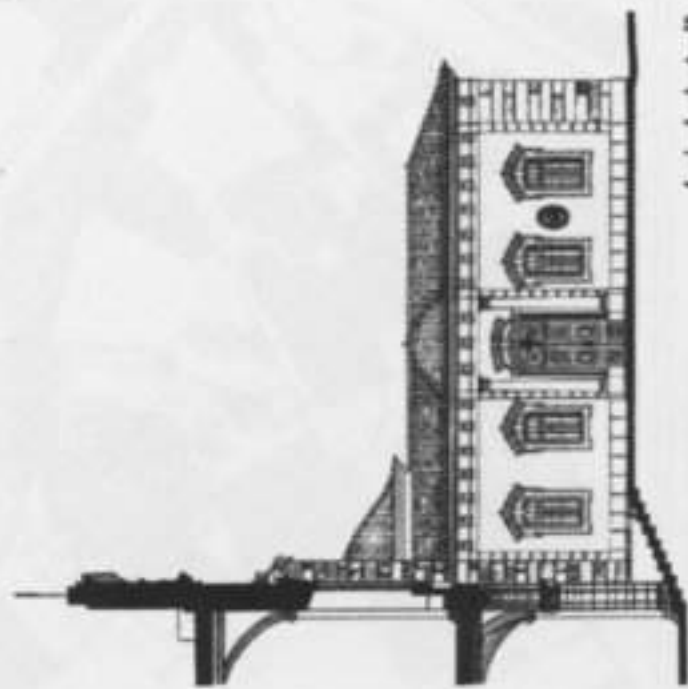
Protecção Proposta:



Planta do piso térreo



Alçado Noroeste



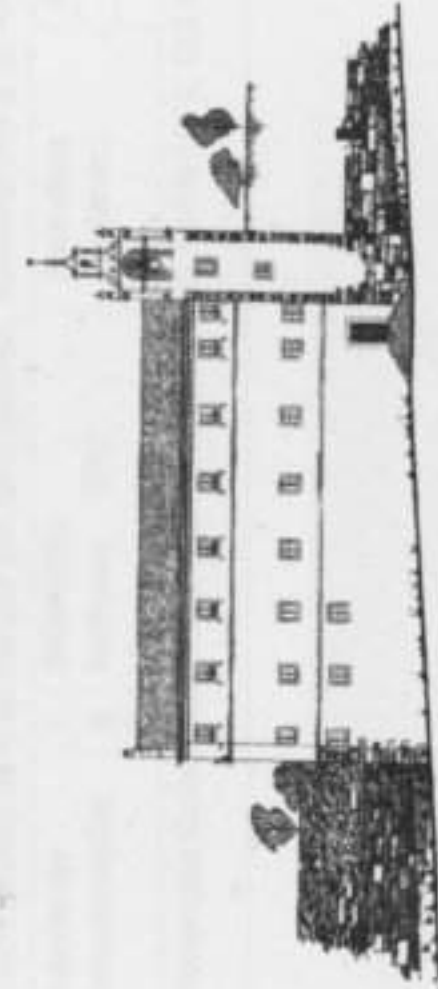
Observações:

Compilada por: Nuno Martins do Vale
Conferida por: Professor Dr. Arq.º João Rosado Correia
Revista por: Professor Dr. Arq.º João Rosado Correia

Data: Julho de 1998
Data: Julho de 1998
Data: Julho de 1998

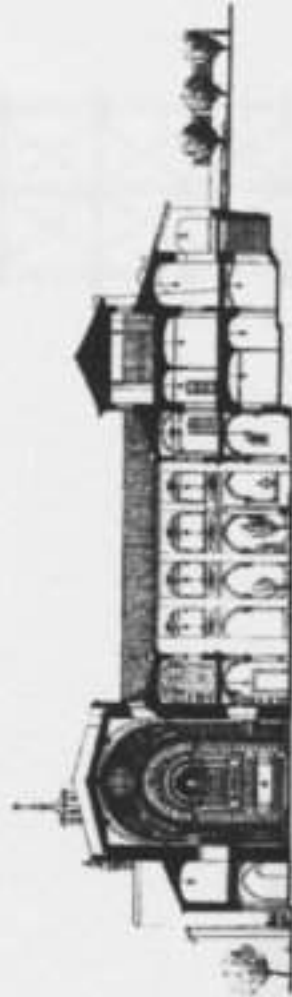
DADOS COMPLEMENTARES:

<p>Dados Tipológicos: Arquitetura religiosa, gótica, manuelina, barroca. Importante exemplar da arquitectura tardo-gótica e manuelina regional, de influência mudéjar, com manifestações exuberantes em pormenores escultóricos e decorativos como os capitéis vegetais do ciclo manuelino-mudéjar de Évora. O entablamento do alpendre que antecede o pórtico é típico do ciclo henriquino eborense. Sofreu reformas sucessivas e a actual fachada da frontaria é o resultado de intervenção setecentista, ainda num estilo híbrido de maneirismo agonizante e neoclassicismo joanino rompente.</p>	<p>Dados Cronológicos (Histórico-Arquitectónico): 1487 - fundação e início da obra; 1491 - sagração do templo; 1498 - importantes obras de extensão, com ligação ao Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora; 1755 - reforma da frontaria do templo e de v-rios elemento do mosteiro entre os quais o dormitório.</p>	<p>Dados Técnicos (Sistema Construtivo e Materiais): Estruturas mistas; Cantaria de granito, mármore branco de Estremoz em elementos secundários, alvenaria.</p>
<p>Características Especiais: Os pórticos principal, no mais puro estilo joanino, e da Sala do Capítulo destacando-se neste a composição de ourivesaria religiosa do ciclo flamengo-plateresco.</p>	<p>Utilização Proposta: Equipamento Cultural / Turismo Utilizações Possíveis: Serviços Públicos</p>	<p>Restaurações e Intervenções Realizadas: DGEMIN - 1937 - Adaptação para a Direção dos Monumentos do Sul; 1944 - Obras de restauro no Arquivo Distrital de Évora; 1957 - Estudo de adaptação para Pousada do Convento dos Loios; 1963 / 1968 - Adaptação para pousada, projecto do Arq. Rui Angelo do Couto.</p>

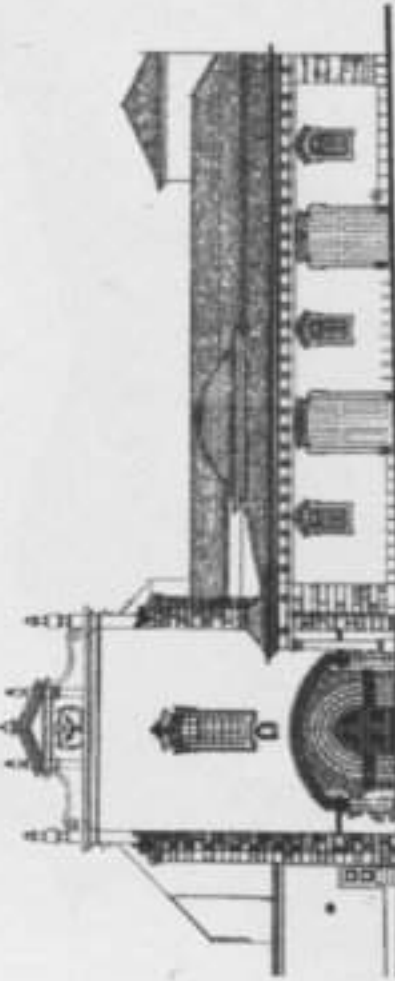


Alçado Norte

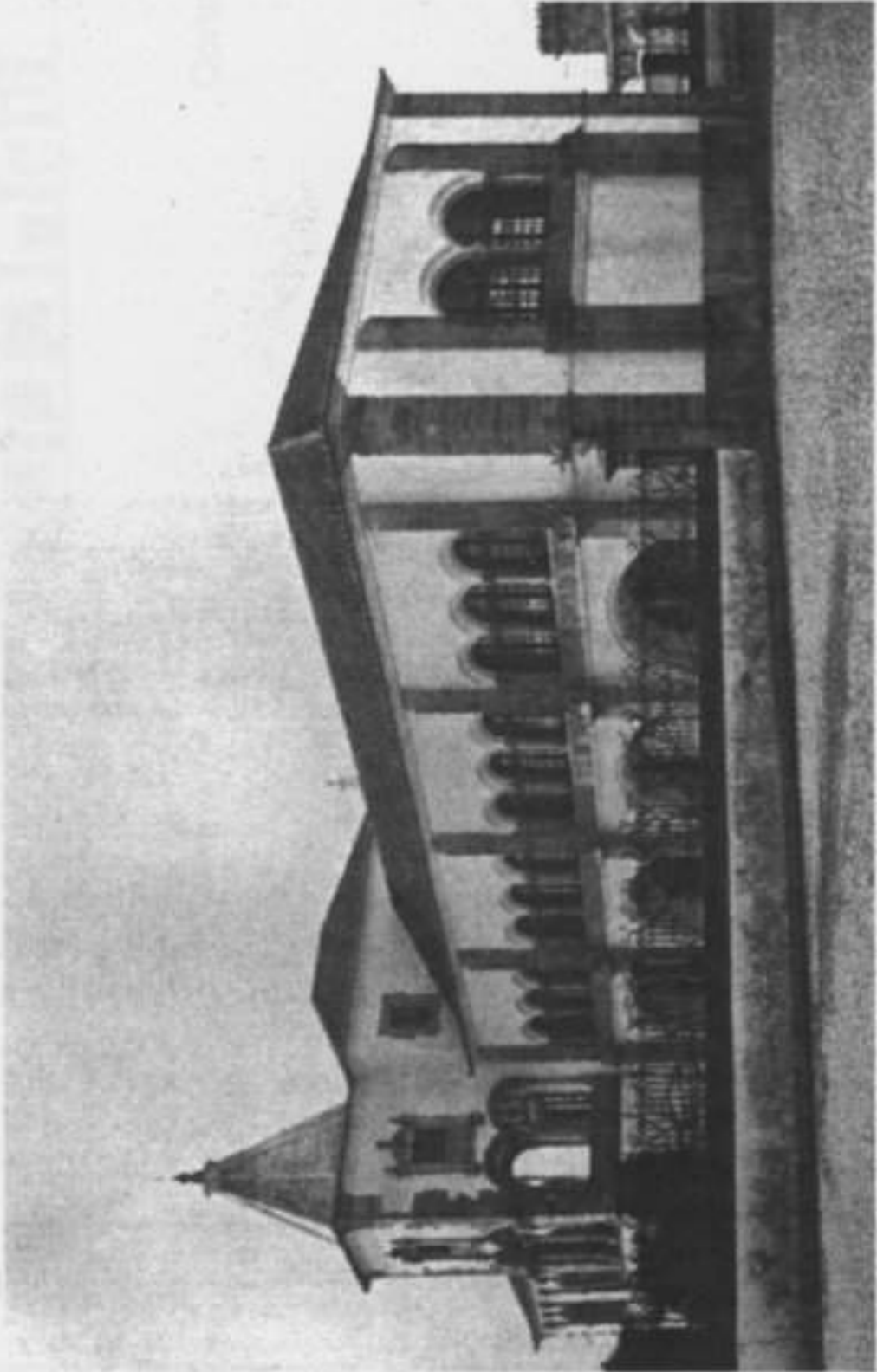
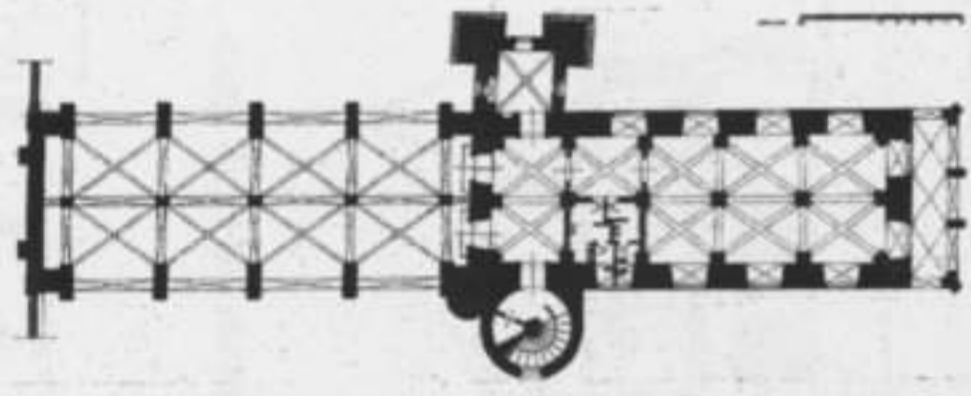
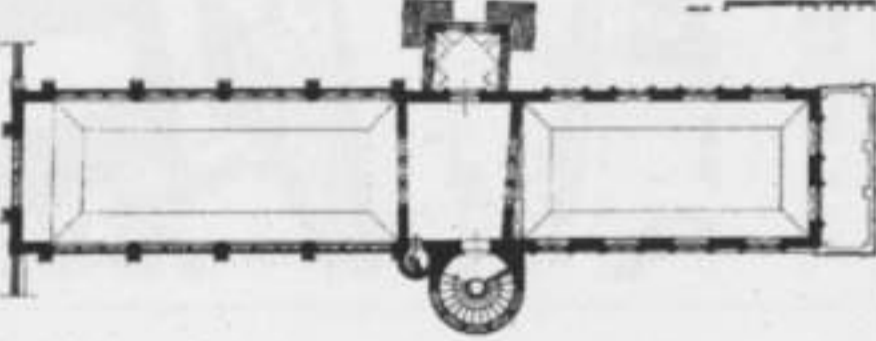
Corte longitudinal



Alçado Sudoeste



<p>Bibliografia Básica: . Pereira, Gabriel, <i>Loio (Antigo Mosteiro ou Casa de São João Evangelista in Estudos Eborenses</i>, 2ª edição, Évora, 1947; / . Santos, Reynaldo, <i>O Estilo Manuelino</i>, Lisboa, 1952; / . Espanca, Túlio, <i>História da Casa Cadaval</i>, Cadernos de História de Arte Eborense, Vol. XXI, Évora, 1960; / . <i>Convento dos Loios</i>, Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nº 119, Lisboa, 1965; / . Chico, Mário Tavares, <i>A Arquitectura Gótica em Portugal</i>, Lisboa, 1981; / . Dias, Pedro, <i>A Arquitectura Manuelina</i>, Porto, 1988; / . Vieira da Silva, José Custódio, <i>O Tardo-Gótico em Portugal - A Arquitectura no Alentejo</i>, Lisboa, 1989.</p>	<p>Perigos Potenciais: Ocupação imprópria</p>
<p>Dados Jurídicos: <input checked="" type="checkbox"/> Proprietário: Estado</p>	<p>Reinspeccionado por: Data:</p>

FUNDAÇÃO CONVENTO DA ORADA		IMÓVEL		INVENTÁRIO PATRIMONIAL			
ORGÃO EXECUTOR:		Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos da Fundação Convento da Orada					
Distrito: Évora	Local: Largo de São Francisco	Freguesia: São Pedro					
Lat.: Long.:	Alt.:	Cadastrro:					
Situação e Ambiente: Enquadramento urbano, em plataforma natural de descanso da vertente SO. da colina de Évora, isolado e em destaque no meio de jardim público.							
Época (séc.): XVI - M	I - início	M - meados	F - final	Utilização Actual: Habitação Colectiva			
<p>Descrição e Dados Históricos: Pavilhão constituído pela articulação horizontal de três lanços diferenciados, desenvolvendo-se em linha contínua no sentido N.-S., com um comprimento total de c. de 60 m e uma largura de 12 m. Dois edifícios de planta rectangular alongada, um com piso térreo e sobrado e outro com piso de sobrado erguido sobre oito tramos de arcaria (quatro no sentido do vector axial e dois no do perpendicular à planta do edifício), ladeiam um torreão de três andares, de planta rectangular e com orientação inversa, E.-O.. Deste braço destaca-se, no topo E., um elegante varandim ou loggia cavalgado com janelas renascentistas. No topo O., de onde sobressai um corpo avançado de planta semicircular, rasga-se ao nível do segundo andar uma fiada contínua de cinco janelões de verga em arco de volta perfeita, com molduras em friso de cantaria granítica assentes sobre colunas com capitéis de decoração vegetal e bases simples. No topo do braço S., vistosa varanda de balcão, descoberta, alçada por três tramos de arcaria mudéjar em tijolo assente em poderosos pilares de cantaria de granito. Todo este lanço é rasgado, ao nível do sobrado, por dez janelas de duplo vão geminado, com vergas em granito de duplo ajimez em arco de ferradura, de linha requetada com a lanceta rematada por pináculo e ombreiras guardadas por toros com duas ordens sobrepostas de colunelos, em mármore, separados por capitéis vegetalistas, o superior rematado por pináculo; as vergas assentam sobre colunelos de mármore com capitéis vegetalistas e bases sextavadas. No piso térreo a empena é rompida por uma fiada com o mesmo número de janelas, de molduras em cantaria granítica, com as vergas em segmento de arco perfeito. As empenas do piso de sobrado do braço N., todo alçado sobre arcaria, são rasgadas por quatro janelas com as vergas em arco perfeito, semelhantes à do varandim do topo O.</p>							
Estado de Conservação:	A Satisfatório	A Estrutura Portante:	A Cobertura:	A Interior:	A Instalações e Serviços:	A Salubridade:	A Grau de Protecção:
	B Mediocre	B Mau	B	B	B	B	B
	C						1
Protecção Existente: Monumento Nacional, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 de Junho 1910							
Protecção Proposta:							
						Plantas	
Observações:		Complada por: Nuno Martins do Vale				Data: Julho de 1998	
		Conferida por: Professor Dr. Arq.º João Rosado Correia				Data: Julho de 1998	
		Revista por: Professor Dr. Arq.º João Rosado Correia				Data: Julho de 1998	

DADOS COMPLEMENTARES:

Dados Tipológicos:
Arquitectura civil residencial, manuelina. Protótipo da arquitectura cortesã manuelina, com fortes marcas de influência mudéjar, associadas a elementos do mais puro renascimento português, associável aos ciclos manuelinos da Batalha e dos Jerónimos. Varandim no topo E. com janelas à maneira dos típicos mirantes da arquitectura palaciana e conventual alentejana. No torreão E. parece evidente a intervenção de Diogo de Arruda.

Dados Cronológicos (Histórico-Arquitectónico):

Séc. XV - provável início das primeiras grandes edificações do Paço Real de Évora, realizadas durante o reinado de D. Afonso V, que o elege para sua pousada regular, como apêndice do Convento Real de São Francisco do qual parece ter-se desenvolvido a partir da Sala de Estudos e da Livraria claustral;
1507 / 1520 - campanha manuelina sob a direcção dos arquitectos Martim Lourenço e Diogo de Arruda; edificaram-se então a Capela Real e ajardinaram-se os terrenos anexos, antigas hortas conventuais; 1845 - o Estado cede o edifício à Câmara Municipal; 1849 - inicia-se a demolição sistemática do vasto complexo, iniciada pelos refeitores e claustro, terminando na vistosa torre de remate do Aqueduto da Água da Prata, com o pretexto de desanuviar a praça e edificar o Mercado Municipal.

Características Especiais:

Utilização Proposta: Equipamento Cultural

Utilizações Possíveis: Serviços Públicos

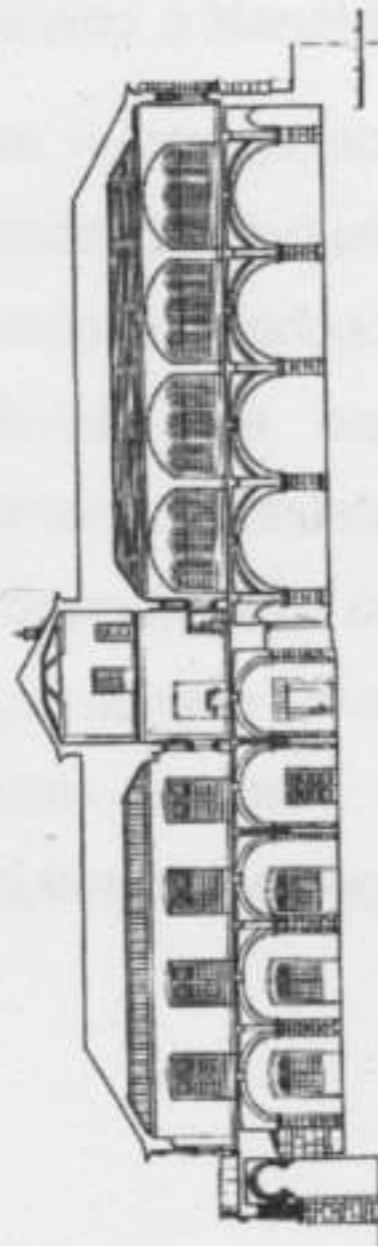
Dados Técnicos (Sistema Construtivo e Materiais):

Paredes autoportantes, em alvenaria mista rebocada de cor branca

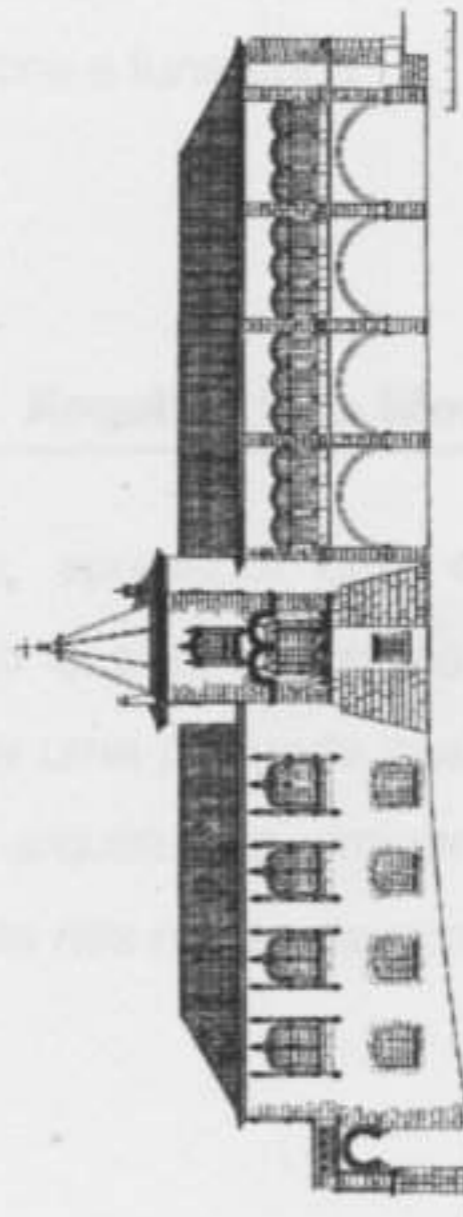
Restaurações e intervenções Realizadas: DGE MN: 1944 / 1947 - Estudo de adaptação para os Serviços Culturais da Câmara Municipal; 1947 - Abertura de fundações, alvenaria de tijolo e hidráulica, escada de caracol com respectivas colunas, aduelas, pavimentos e azulejos; 1948 / 1950 - Construções em alvenaria e cantaria, reparo de coberturas e abóbadas, foros de mármore. Conclusão do rés do chão. Escadas e varandas da galeria; 1952 - Conserto e assentamento de pavimentos, paredes e tectos; 1954 - Pintura artística e douramentos; 1979 - Reparo de telhados, portas e caixilhos

Restauração Necessária:

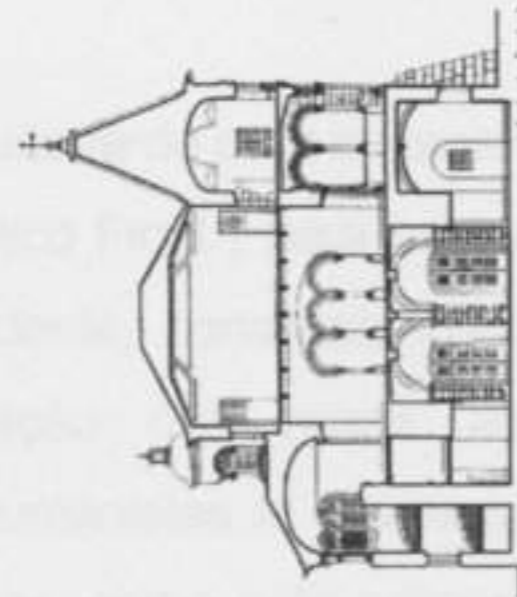
Corte longitudinal



Alçado frontal



Corte transversal pela torre



Bibliografia Básica: . Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - fichas

Perigos Potenciais: Ocupação imprópria

Dados Jurídicos: M Proprietário: Câmara Municipal

Reinspeccionado por:
Data:

• Maneirismo

A abertura de Portugal a novas tendências arquitectónicas e culturais, adquire grande fulgor após a morte de D. Manuel I e com a subida ao trono de D. João III. O envio do bolseiro Francisco de Holanda a Itália para estudar as modernas formas de construir e a vinda de artistas estrangeiros para edificar em Portugal, contribuiu decisivamente para lançar uma nova ordem estética e funcional.

Por toda a Europa, especialmente em Itália, há muito triunfara o Renascimento, dando lugar a um novo discurso estilístico: o **Maneirismo**.

Portugal e, conseqüentemente, o Alentejo, acordou muito tarde para o Renascimento, operando um salto quase directo do Manuelino (Gótico Final) para o Maneirismo. Évora, como já havia sucedido no período antecedente, consubstancia-se como núcleo de principal incidência para experimentação das novas linguagens arquitectónicas. O grande número de intelectuais e humanistas aí residentes, assim como o papel de mecenas operado tanto pela realeza, como pela nobreza e pela igreja, são as causas da criação de uma "nova imagem de cidade". Em consequência, surgem inúmeras obras dentro das mais variadas vertentes: desde os edifícios religiosos monásticos e paroquiais, aos espaços domésticos e funerários.

Arquitectura Monástica

O Convento de Bom Jesus de Valverde, em Évora, apresenta uma dialéctica interessante entre os espaços destinados a habitação e a igreja, como espaço intrinsecamente sagrado. Enquanto nas celas é revelada uma profunda austeridade, pobreza e simplicidade, denotando vestígios de arquitectura iminentemente vernácula, no templo, o sentido matemático está presente nas regras de composição e de desenho do espaço.

A igreja do convento patenteia influências nítidas da tratadística italiana na apresentação de planta centralizada, com formas depuradas e geométricas, como sejam o quadrado, o octógono, a cruz grega e a esfera (nas cúpulas).

As igrejas que se enquadram neste estilo reflectem uma geometria regular, equilibrada e harmoniosa, enquadrando-a numa escala reduzida – apanágio da arquitectura nacional desde os tempos mais remotos, salvo as devidas excepções. O uso dos materiais e o controlo da luz adquire uma dimensão valorativa, quer pelo jogo contrastante entre o mármore e a cal, quer pela calma e tranquilidade espelhada pela difusão da luz³.

Edifícios estudados:

Convento de Bom Jesus de Valverde, em Évora

Convento da Graça, em Évora

Fig. n.º 7 – Aspecto exterior da igreja de S. Mamede, em Évora

Arquitectura Paroquial

A igreja de S. Mamede, em Évora, apresenta novamente a já referenciada parelha contrastante vernáculo / erudito. A galilé exhibe um desenho explorador da dialéctica entre formas abertas e fechadas, de inspiração nitidamente clássica (assim como o púlpito e a azulejaria o são), enquanto as fachadas laterais, pelo seu despojamento, e a atmosfera lumínica interior, transparecem características vernaculares, preconizadoras do Estilo Chão.

A presença de elementos compositivos derivados da estética classicista torna-se frequente nos edifícios inseridos neste enquadramento temporal. Elementos como arcos de volta perfeita, pilastras de ordem toscana, colunas da ordem coríntia, frontões triangulares e curvos definem perfeitamente as “importações” efectuadas.

É de realçar a quase constante pequena escala dos edifícios estudados, sendo exemplo ilustrativo a Igreja da Misericórdia, em Beja.

³ Marieta Dá Mesquita, Vasco da Gama e os Humanistas no Alentejo



- Fig. n.º 7 – Alçado principal da Igreja de S. Mamede, em Évora

(in Vasco da Gama e os Humanistas no Alentejo, edição F.C.O.)

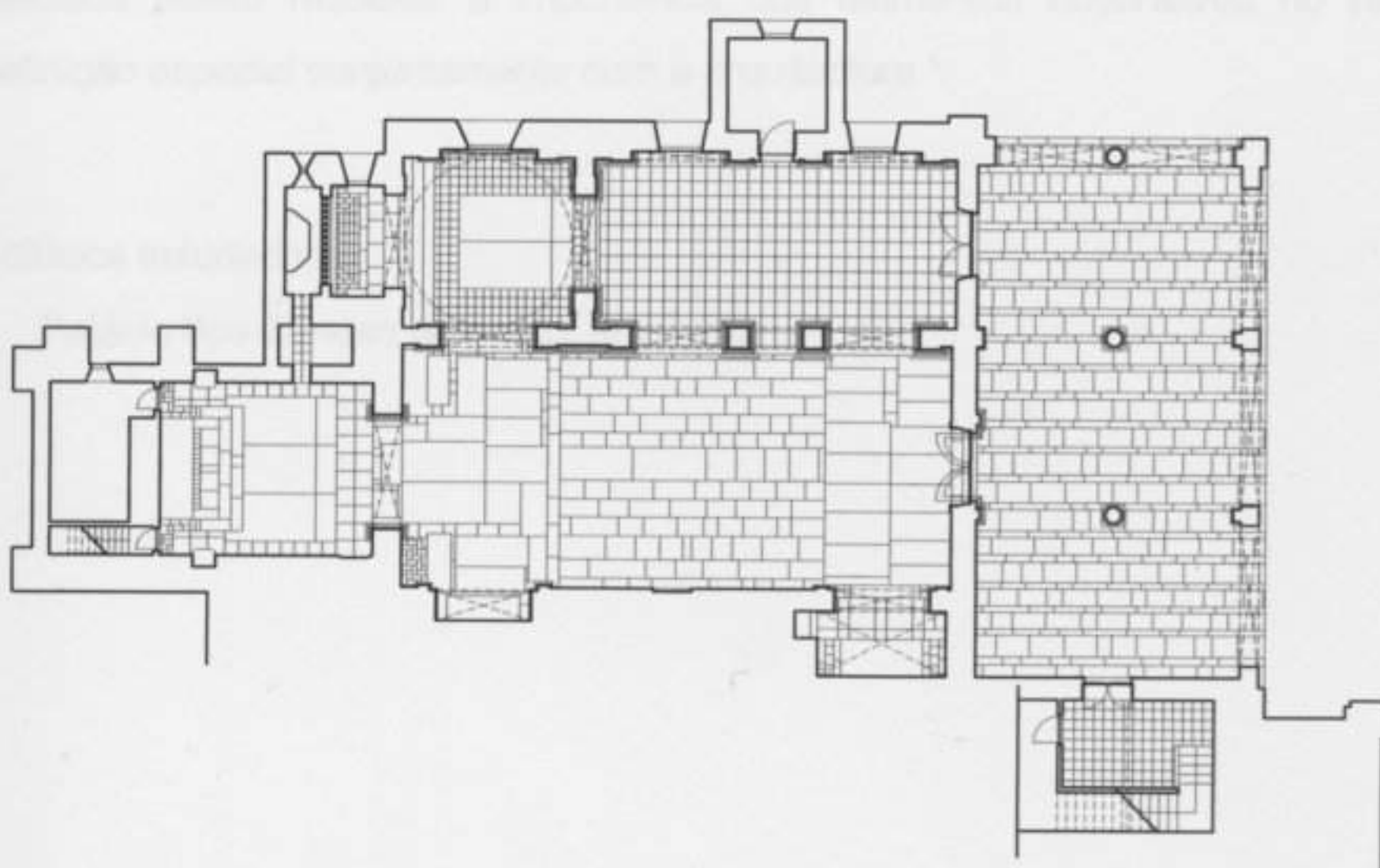
Edifícios estudados:

- Igreja de S. Mamede, em Évora
- Igreja da Misericórdia, em Beja
- Igreja da Graça do Divor, em Évora

Arquitectura Tumular

A Capela das Onze Mil Virgens, em Alcácer do Sal, inserida na Igreja do Convento Franciscano de Santo António, retrata de forma exemplar as tendências estilísticas deste período. O conjunto arquitectónico expressa uma enorme simplicidade de exterior, com vãos rectilíneos de molduras simples. A cúpula de pequena escala, que serve de coroamento à capela mor é o único elemento que tenta fugir a esta regra de simplicidade.

Na capela propriamente dita, onde se encontra o túmulo de D. Pedro de Mascarenhas (Vice-Rei da Índia), salientam-se os arcos de volta perfeita e os vãos quadrangulares cegos, numa planta rectangular de uma única nave e capela mor quadrada. A nave é coberta por uma abóbada de berço, dando o tramo quadrado origem a uma cúpula rematada por zimbório. A omnipresença de elementos compositivos baseados em formas geométricas puras, regrados por uma métrica rigorosa, é perfeitamente evidente como denominador comum aos edifícios lançados neste período, onde o Humanismo se evidencia.



- Fig. n.º 8 – Planta do piso térreo da Capela das Onze Mil Virgens,
em Alcácer do Sal

(in Vasco da Gama e os Humanistas no Alentejo, edição F.C.O.)

Edifícios estudados:

- Capela das Onze Mil Virgens, em Alcácer do Sal

Neste período registou-se uma mudança fundamental na concepção da arquitectura palaciana: o abandono definitivo do carácter fortificado. A arquitectura com fins habitacionais segue as influências italianas e adopta um discurso aberto, composto por uma sucessão de galerias que confere aos muros dos paramentos um aspecto mais leve e animado. A presença de elementos clássicos é constante, como sejam as pilastras e colunas de ordem toscana, os tectos decorados em "trompe l'oeil", abóbadas de caixotões e frescos com temáticas vegetalistas e animais. Estes atributos fazem ressaltar a importância dos elementos decorativos no papel da definição espacial conjuntamente com a arquitectura ⁴.

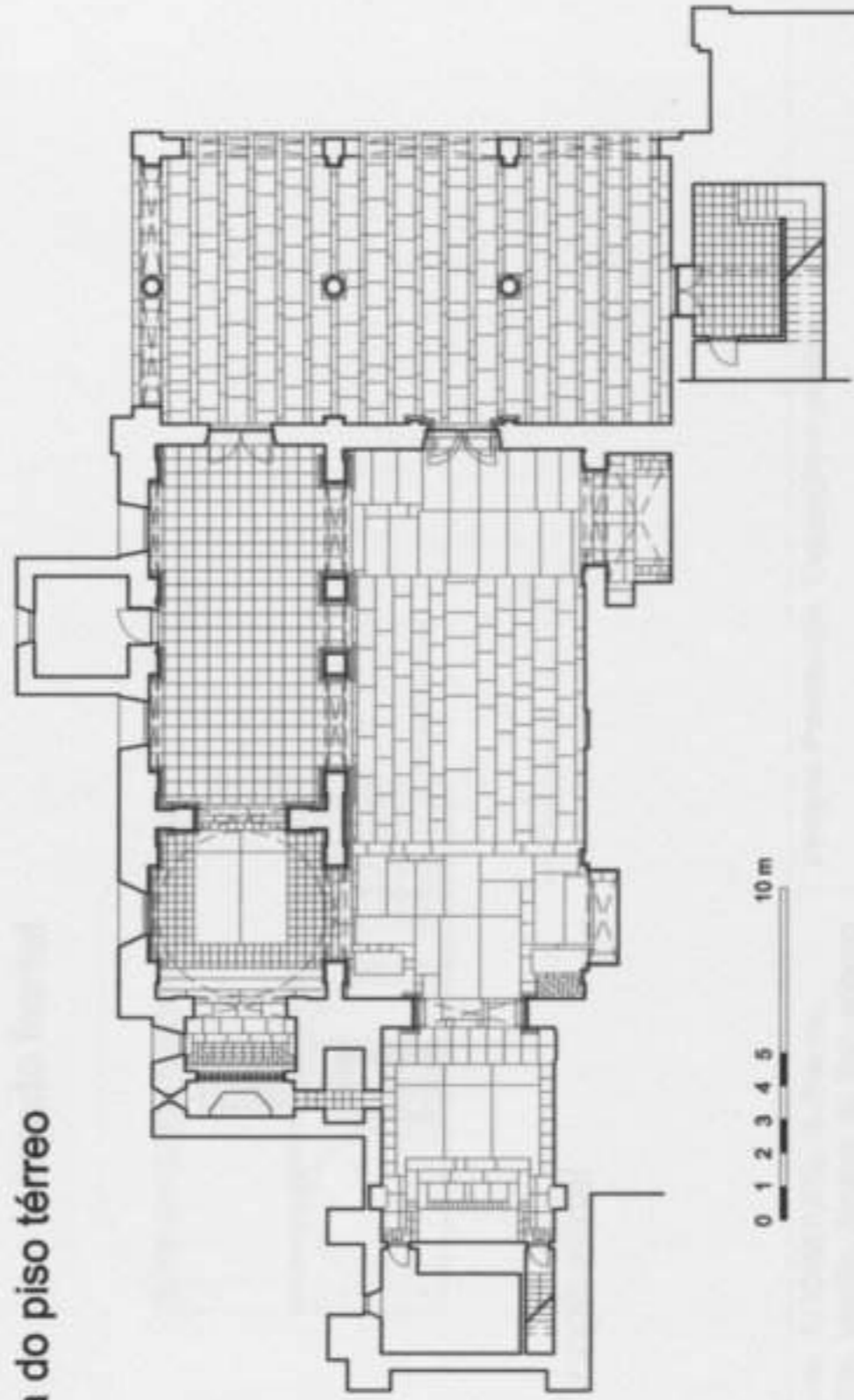
Edifícios estudados:

- Palácio dos Condes de Basto, em Évora

⁴ Marieta Dá Mesquita, Vasco da Gama e os Humanistas no Alentejo

FUNDAÇÃO CONVENTO DA ORADA		IMÓVEL		INVENTÁRIO PATRIMONIAL	
ORGÃO EXECUTOR: Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos da Fundação Convento da Orada					
Distrito: Setúbal	Local: Lg. São Francisco	Freguesia: Santiago		Cadastro: Rua	
Lat.:	Long.:	Alt.:	Denominação: Igreja do Convento de Frades		
Situação e Ambiente: Enquadramento urbano. Adossada a Sul do primitivo convento de Sto. António, deitando a fachada principal para o Lg. de S. Francisco, a fachada lateral Sul para um terreno amplo em terra batida.					
Época (séc.): XVI / XVIII	I - início	M - meados	F - final	Utilização Actual: Religiosa	
Descrição e Dados Históricos: Planta longitudinal composta por 2 rectângulos de diferentes dimensões: a nave e a capela-mor; adossada à nave do lado N uma capela rectangular, paralela à igreja do lado S. uma capela longitudinal composta, a Sul, também longitudinal e composta pela nave rectangular, cruzeiro de planta quadrada e ousoa rectangular; pequena sacristia quadrangular adossada à nave, a S.; antecede a igreja e capela uma ampla galilé rectangular disposta transversalmente. Volumes articulados com coberturas diferenciadas, em telhados de 2 águas nas naves e capela-mor, de 4 sobre a galilé, em cúpula rematada por lanternim sobre o cruzeiro da capela. O corpo da galilé de 2 andares, para o qual abre a igreja e capela, é rasgado por 3 arcadas redondas a Oeste, por 2 a Sul, por janelas de sacada no 2º piso. No interior a nave da igreja coberta por abóbada a berço redondo abre para a capela-mor, também abobadada, por arco triunfal a pleno centro sobre pilastras; a comunicação com a capela a Sul faz-se por tripla arcada a pleno centro, com o motivo de Serlio na zona de comunicação entre as naves, repetindo-se em arcada cega no paramento interno da parede Sul; abóbada a berço sobre a nave da capela, cúpula em meia laranja sobre pendentes no cruzeiro, esteira horizontal sobre a ousoa.					
Estado de Conservação:	A Satisfatório B Médio C Mau	Estrutura Portante:	A	Instalações e Serviços:	A
Protecção Existente: Imóvel de Interesse Público, Dec. 43073, DG 162 de 14 Julho 1960, com ZEP, DG 159 de 08 Julho 1961		Cobertura:	A	Salubridade:	A
		Elementos Secundários:	A		B
				Protecção Proposta:	1

Planta do piso térreo



Observações:

Compilada por: Nuno Martins do Vale
 Conferida por: Professor Dr. Arq.º João Rosado Correia
 Revista por: Professor Dr. Arq.º João Rosado Correia

Data: Julho de 1998
 Data: Julho de 1998
 Data: Julho de 1998

DADOS COMPLEMENTARES:

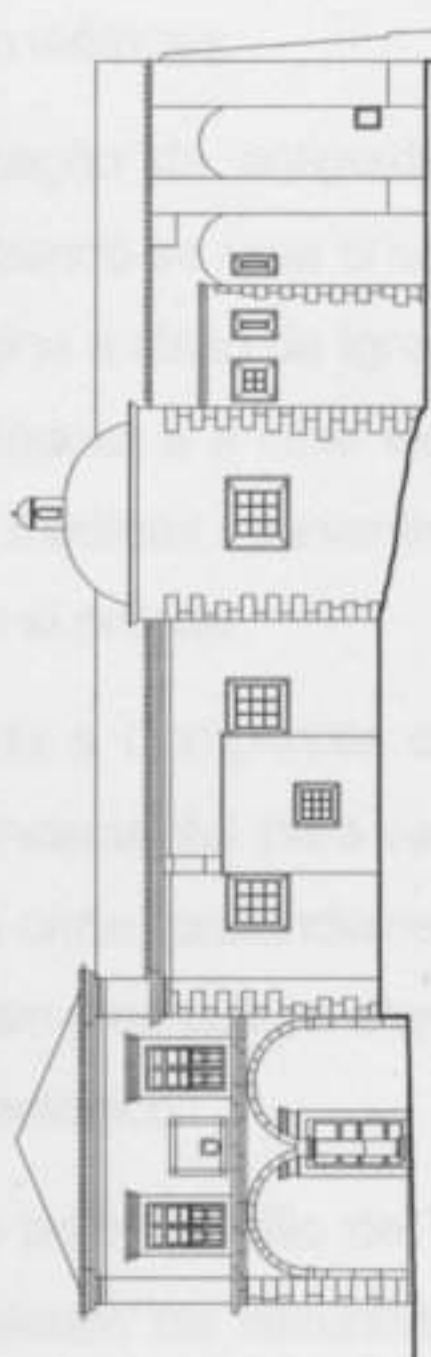
<p>Dados Tipológicos:</p> <p>Renascimento, maneirismo. Arquitectura religiosa, igreja conventual; capela lateral funerária (Onze Mil Virgens). Portal axial da igreja com relevos decorativos renascentistas semelhantes aos do claustro principal de Castilho, no convento de Cristo em Tomar; síntese harmoniosa entre o espaço longitudinal da nave e o espaço centralizado do cruzeiro, delicadeza no traçado de molduras e perfis, utilização do motivo de Serlio. Portal axial da capela, portais do altar e capela lateral N, gailhé de proporções maneiristas.</p>	<p>Dados Cronológicos (Histórico-Arquitectónico):</p> <p>1524 - 1528 - construção da igreja e convento franciscano patrocinada por D. Violante Henriques, mulher de D. Fernando de Mascarenhas, alcaide-mor de alcácer do Sal; 1555 - 1565 - construção da capela das Onze Mil Virgens por iniciativa de D. Pedro de Mascarenhas, filho dos fundadores do convento, embaixador na Alemanha e junto da Santa Sé, Vice-rei da Índia entre 1554 e 1556, data da sua morte; conclusão por ordem de D. Helena de Mascarenhas, sua 2ª mulher; séc. XVII - construção do corpo da gailhé e da capela e altar do lado N da igreja, fundados por D. Leonor da Fonseca e pelo Dr. Diogo Lameira; séc. XVIII (2ª metade) - reconstrução da capela-mor da igreja, destruída pelo terramoto.</p>	<p>Dados Técnicos (Sistema Construtivo e Materiais):</p> <p>Paredes autoportantes, em alvenaria mista rebocada de cor branca</p> <p>Restaurações e Intervenções Realizadas: 1974 - reparação das coberturas; consolidação e conservação do coro-alto; 1981 - construção de escada em betão armado para acesso ao côro, guarda e pavimento.</p>
---	--	---

Características Especiais: Capela sepulcral de grandes dimensões construída paralelamente à igreja conventual. A junção do corpo da gailhé mais alto que a igreja e capela anexa veio adulterar o equilíbrio pré-existente.

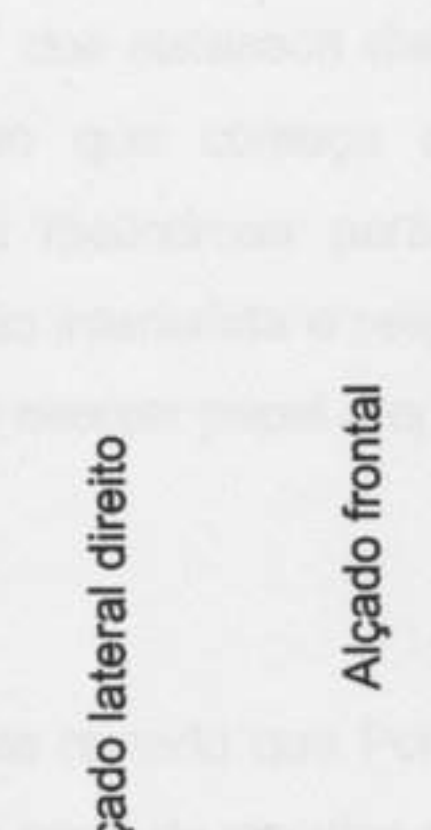
Utilização Proposta:

Utilizações Possíveis:

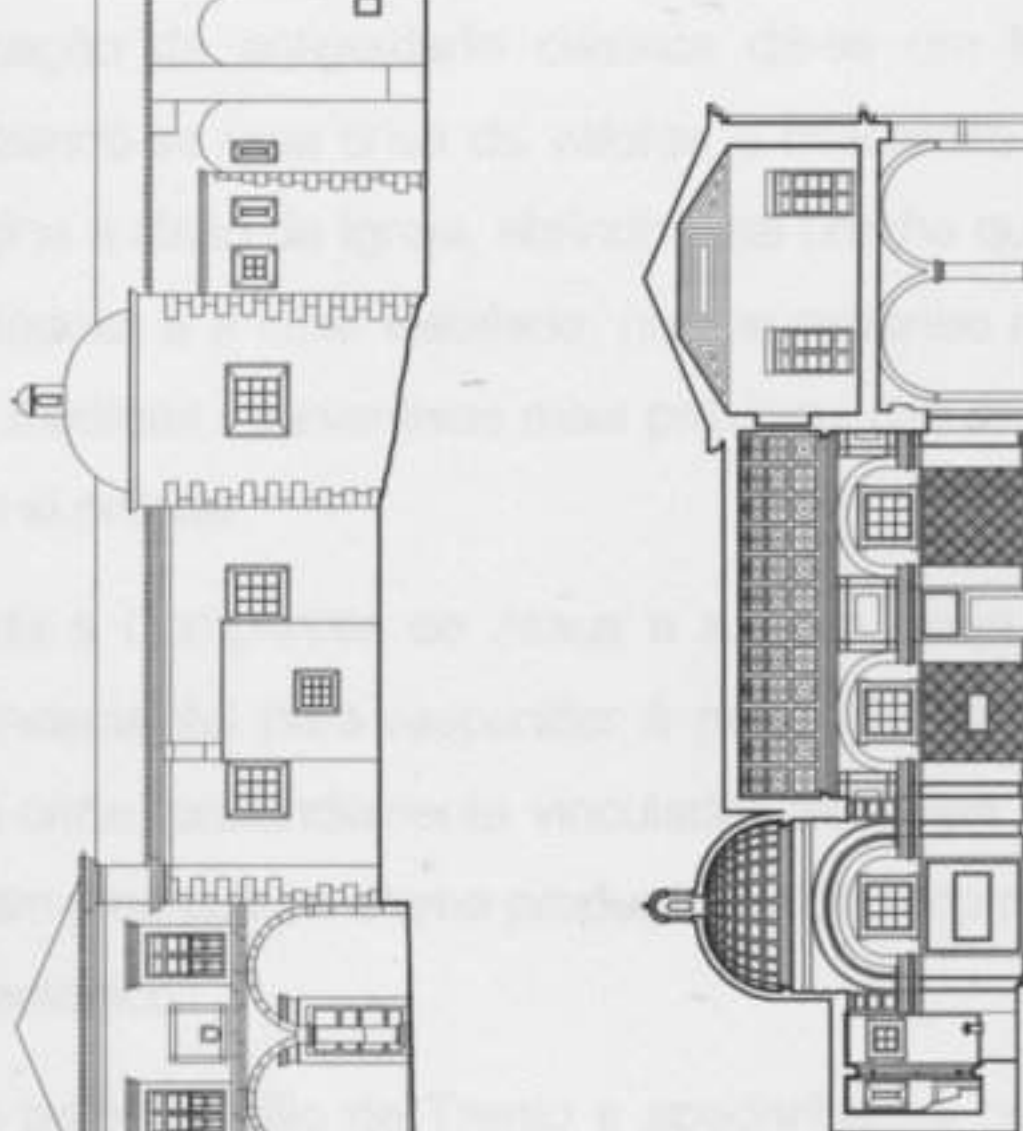
Restauração Necessária:



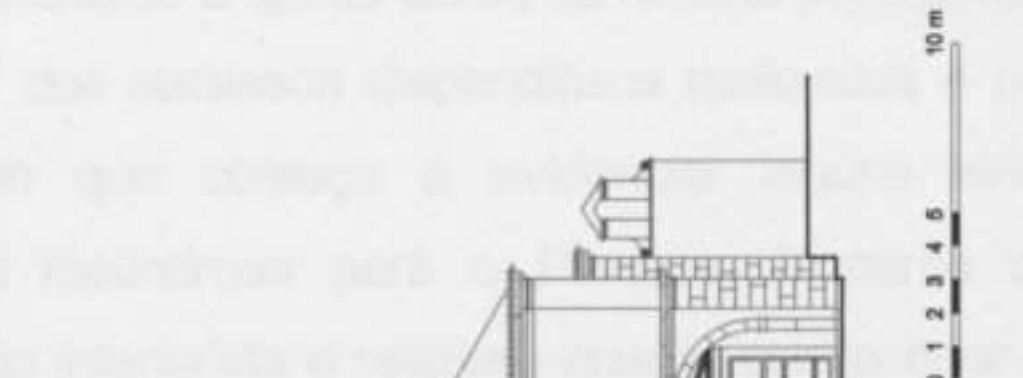
Alçado lateral direito



Alçado frontal



Corte longitudinal



Bibliografia Básica: - Cardoso, Pe. Luís, Dicionário Geográfico, I, Lisboa, 1767; - PEREIRA, Esteves, RODRIGUES, Guilherme, Portugal Dicionário, I, Lisboa, 1904; SEGURADO, Jorge, Francisco d'Ollanda, Lisboa, 1970; CORREIA, Virgílio, Alcácer do Sal - esboço de uma monografia, in Obras, IV, Lisboa, 1971; COELHO, Maria da Conceição Pires, Dom Pedro de Mascarenhas e a Capela das Onze Mil Virgens, in Brotéria, 113, Lisboa, 1981; MOREIRA, Rafael, A Arquitectura Militar, in História da Arte, VII, Lisboa, 1986; CORREIA, José Eduardo Horta, A Arquitectura - maneirismo e estilo chão, ibidem.

Dados Jurídicos: P **Proprietário:** Privado

Perigos Potenciais: Ocupação imprópria

Reinspeccionado por:

Data:

• Estilo Chão

D. João III sobe ao trono em 1521 e encontra um país vindo de uma época de grande exuberância e luxo, respirando uma situação financeira bastante saudável. O reinado de D. Manuel I terá correspondido à época áurea da história portuguesa em todos os capítulos, mas a "factura" dos excessos dispendiosos realizados e uma conjuntura internacional do comércio que começa a evidenciar alguns sinais negativos, constituem uma herança melindrosa para o Piedoso. Monarca conservador e fechado, D. João III era tão interiorista e religioso quanto conhecedor das inovações culturais, não deixando de exercer papel preponderante ao nível do mecenato cultural e artístico.

Como já foi citado, é neste reinado que Portugal adere decisivamente às correntes clássicas internacionais. A partir de meados do século XVI, o classicismo materializa-se como base e fonte de inspiração, tornando-se referência para o estilo chão, em termos de regras, formas e métricas.

Porém, no seio da evocação da antiguidade clássica dá-se um forte abalo na instituição Igreja, generalizando-se uma crise de valores e descrédito crescente nos ideais cristãos. Lutero origina a cisão da Igreja, abrindo uma brecha que não mais se uniria. A nova corrente ortodoxa e a crise instalada, num sucedâneo acção-reacção, levam a Igreja a fomentar medidas interventivas mais próximas das novas realidades sociais e a questionar-se a si própria.

São Inácio de Loiola funda a Companhia de Jesus e a nova igreja reconhece na arquitectura uma peça fundamental para responder à perda de fiéis e de impacto social. D. João III e a sua corte, profundamente vinculados às ideias subscritas pela Contra-Reforma, patrocinam uma cultura e uma produção artística como instrumentos de significado político e ideológico.

As novas normas ditadas pelo Concílio de Trento e apadrinhadas pelas mais altas instâncias nacionais consistem na secundarização dos aspectos iconográficos em detrimento da funcionalidade dos templos, providos de boa acústica e nave única.

Pode-se dizer que a Igreja acresce à tratadística serliana e palladiana normas redutoras, fomentando a expansão de novas tipologias que se enquadrassem no espírito do rigor, equilíbrio, clareza, economia de soluções e formas geométricas simples e regulares.

As novas tipologias lançadas pela Companhia de Jesus em Portugal tiveram grande aceitação e contagiaram outro tipo de obras, pois as suas características encontraram paralelismo na arquitectura portuguesa tradicional (nomeadamente na herança legada pelo Românico). O Manuelino terá consistido num período de alguma fantasia, mas o espírito nacional "encontra a paz" no conservadorismo das formas puras, simples, planas e regulares.

O período de crise iminente também justifica, de alguma forma, a procura de soluções simples e modestas.

Os edifícios desta época apresentam paredes extremamente sólidas, fortes, maciças, com poucas aberturas, denotando um carácter fortificado e horizontal.

Como exemplarmente descreve o Professor Horácio Bonifácio:

"Este carácter sólido, linear, plano e rectilíneo marca o próprio espaço, que se constitui com características de unidade, clareza, amplitude e equilíbrio, como uma sala, uma caixa, merçê da geometria regular das plantas, das paredes lisas e de sistemas de cobertura algumas vezes planos, ou com abóbadas relativamente planificadas, e de uma utilização regular e fluida da luz.

Acresce a estas características um uso moderado e depurado dos elementos decorativos, aplicados apenas em zonas muito específicas do edifício, nos vãos designadamente, contudo sempre de uma forma discreta, recorrendo às formas rectilíneas, contribuindo, assim, para a manutenção da clareza e da limpidez do muro. Trata-se de uma arquitectura que privilegia a clareza a ordem a simplicidade, a sobriedade e mesmo a austeridade, recorrendo ao purismo e à nacionalidade das formas, a uma certa secura e frieza, ao rigor e à procura de uma clareza funcional e prática, a métricas regulares e proporcionadas e a uma economia de soluções e de métodos."⁵

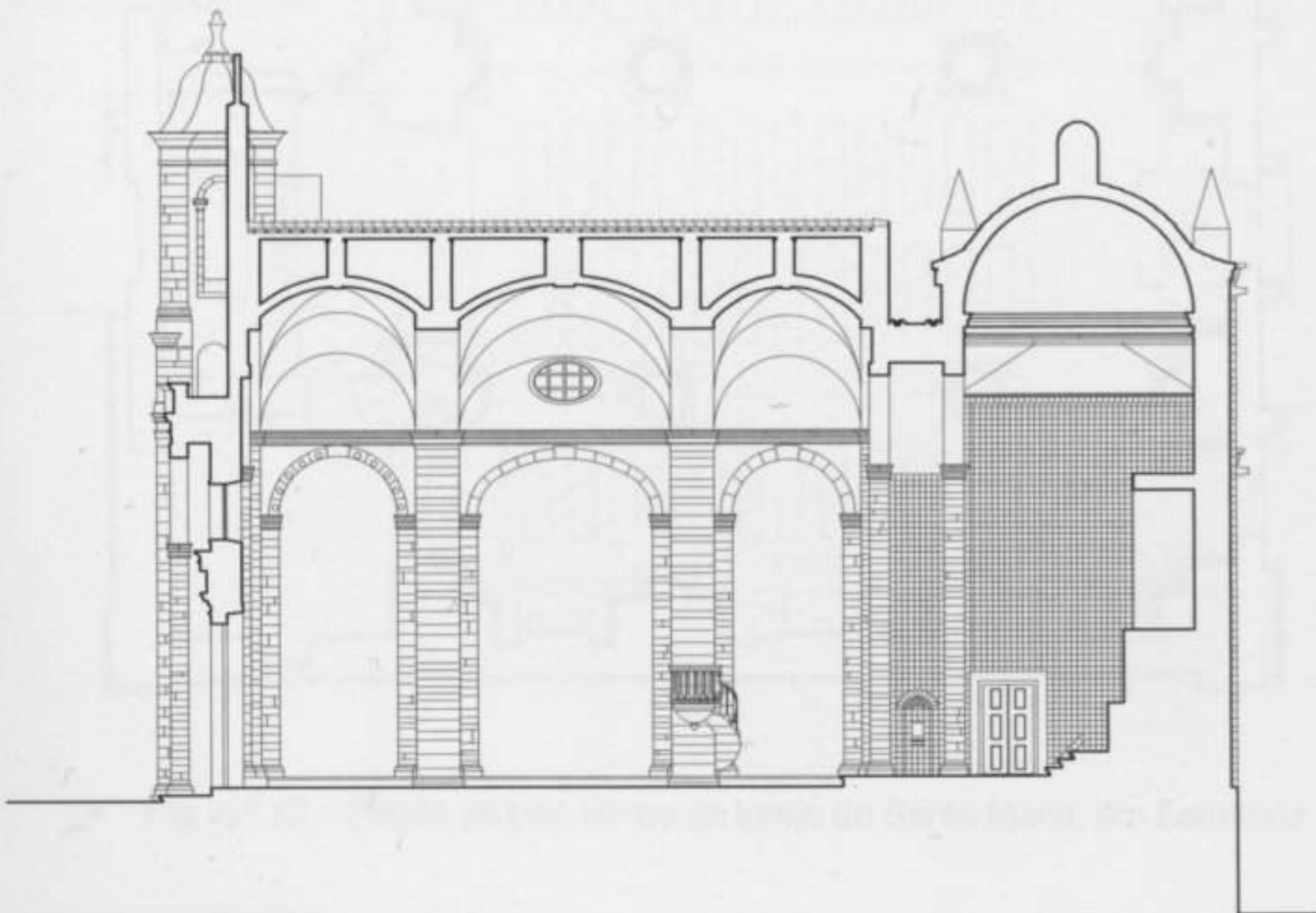
⁵ Horácio Bonifácio, Vasco da Gama e os Humanistas no Alentejo

Arquitectura Paroquial – Igreja-salão

O modelo da igreja-salão, que já vinha sendo regularmente utilizado desde o Gótico Final, é adaptado à ideologia contra-reformista e verifica-se a edificação de um grande número de exemplares nele baseados no Alentejo até ao fim do século XVI.

As igrejas-salão alentejanas apresentam plantas divididas em três naves à mesma altura, não existindo, normalmente, arcos separadores entre as naves. O espaço interior, apesar da escala reduzida, é amplo, claro e estável, sobressaindo algum estatismo.

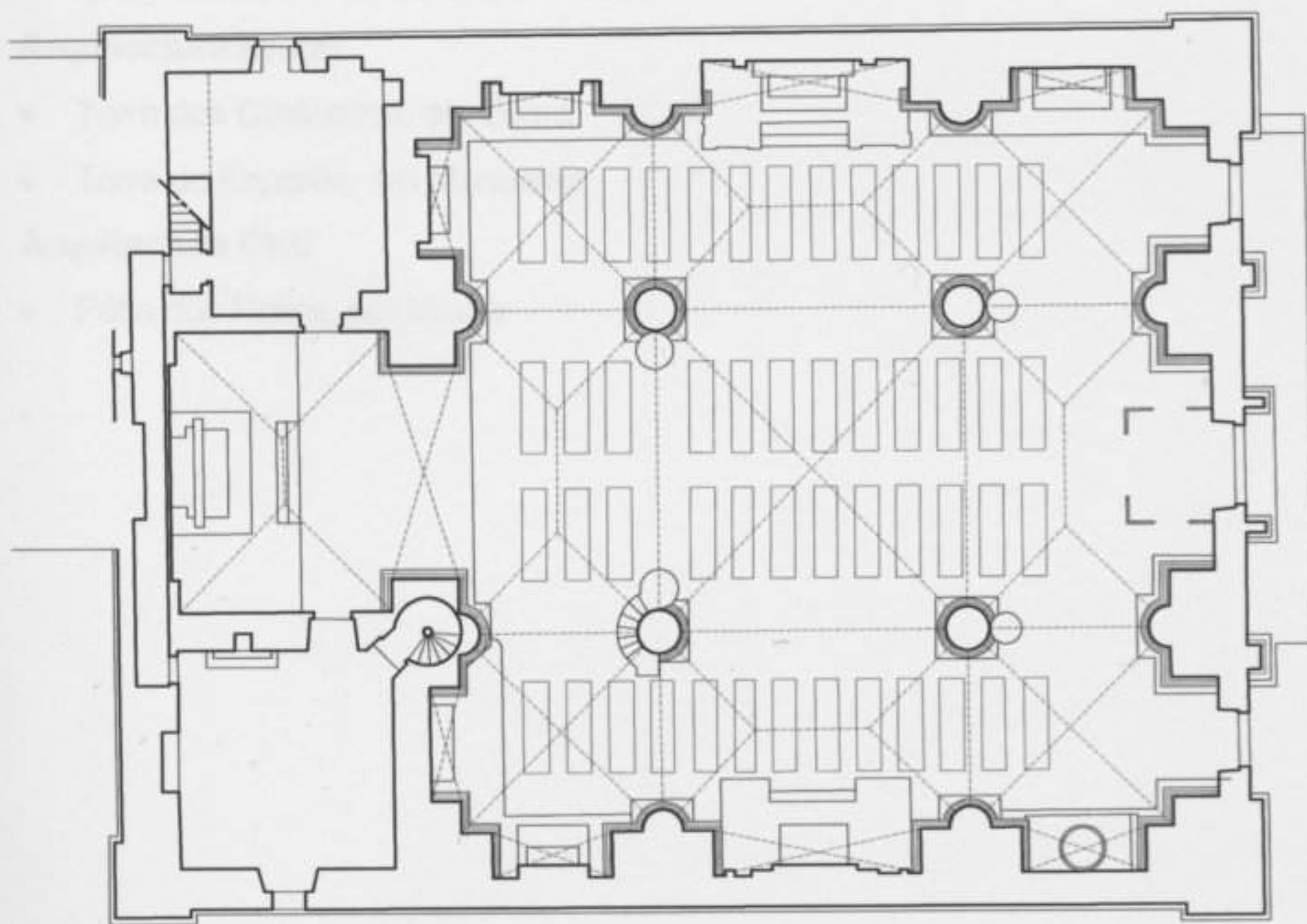
O exemplo mais paradigmático do grande rigor e regularidade empregues na construção de muitos edifícios de arquitectura paroquial é a Igreja Matriz de Monsaraz. Nesta igreja a volumetria das naves constitui um cubo, denotando uma solidez formal impressionante. No seu interior as naves são cobertas por abóbadas abatidas à mesma altura, descarregando o peso em colunas de ordem toscana e em pilastras embebidas nas paredes.



• Fig. n.º 9 – Corte longitudinal da Igreja Matriz de Monsaraz

A apologia da ideia de um muro maciço, impenetrável é frequentemente visível em muitos exemplares paroquiais da região além Tejo e, também, em construções com outro tipo de funcionalidade. As suas imensas superfícies lisas e brancas só eram interrompidas quando elementos geométricos, como as pilastras ou os cunhais, obedecem a uma marcação imposta ⁶.

A Igreja de Santa Maria de Estremoz apresenta uma fachada principal marcadamente sóbria e límpida, chegando a atingir contornos de "severidade". É de destacar a erudição presente na concepção da planta do edifício: o seu interior foi congeminado com o pensamento nas proporções do rectângulo de ouro. Este facto é ilustrativo da omnipresença das regras clássicas na arte de construir desta época, assim como na decoração das colunas (fustes de ordem jónica) e na utilização de arcos de volta perfeita.



• Fig. n.º 10 – Planta do piso térreo da Igreja de Santa Maria, em Estremoz

⁶ Horácio Bonifácio, Vasco da Gama e os Humanistas no Alentejo

Em conclusão, o estilo chão coaduna-se perfeitamente com as características do Alentejo: seco, austero e simples, privilegiando o essencial em detrimento do acessório.

Edifícios estudados:

Arquitectura Paroquial

- Igreja de Santa Maria, em Estremoz
- Igreja Matriz de Monsaraz
- Igreja de Santa Maria, em Beja
- Igreja de Santo Antão, em Évora
- Catedral de S. Tiago, em Beja
- Igreja Matriz de Vila Viçosa
- Igreja Matriz de Veiros, em Estremoz

Arquitectura Militar

- Torre dos Coelheiros, em Évora
- Torre do Esporão, em Monsaraz

Arquitectura Civil

- Pátio dos Rolins, em Moura

FUNDAÇÃO CONVENTO DA ORADA		INVENTÁRIO PATRIMONIAL		IMÓVEL																								
ORGÃO EXECUTOR: Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos da Fundação Convento da Orada																												
Distrito: Évora		Concelho: Évora		Local: Praça do Geraldo																								
Lat.: Long.: Alt.:		Denominação: Igreja de Santo Antão		Freguesia: Santo Antão																								
Situação e Ambiente: Enquadramento urbano, em pequena plataforma na encosta da colina de Évora, isolada e em destaque.		M - meados		F - final																								
Época (séc.): XVI / XVIII		I - início		Utilização Actual: Religiosa																								
<p>Descrição e Dados Históricos: A mole do templo é constituída por gigantesco paralelepípedo regular de beirado único para os três corpos, apenas sobressaindo, pelo exterior, o ressalto dos dois braços do cruzeiro estreitos mas salientes e ábside com ligeiro estrangulamento em relação à nave. Esta tem os seus cinco tramos bem marcados por poderosos contrafortes apilastrados, entre os quais se rasgam, a meia altura do paramento, estreitos janelões rectangulares sem moldura. Sobre a capela-mor, lantermim cilíndrico com longas frestas fechado com cúpula esférica e rematado por pináculo. A frontaria, em alvenaria, tem cinco lanços separados por pilastras de cantaria, contínuas da base à cimalha; no central, rasga-se o pórtico, embebido em amplo vão, rematado a cantaria granítica, de verga em arco de volta perfeita; poderosa arquitrave em cantaria separa a ordem inferior da superior, rasgada por ampla luneta rectangular, de molduras graníticas e arquitrave saliente; o lanço central é ladeado por dois outros lanços com pórtico e dois janelões, em tudo semelhantes ao central, excepto na dimensão dos vãos, mais reduzida agora; os dois lanços seguintes, a remataram nos cunhais, são ligeiramente superiores e alçam-se acima dos beirados, em duas torres sineiras rematadas de cobertura piramidal. Na fachada lateral S. os Passos de Santo Antão. Pelo interior, o templo simula três naves, de pé direito contínuo. Cobrem-se de cinco tramos de ogivas de arestas nervuradas, em alvenaria, descarregando em colossais colunas da ordem jónica em cantaria de granito, dando ao vasto salão o aspecto de frondoso e sólido bosque, com a luz que verte das frestas das naves muito bem filtrada. Colunas e ogivas ainda mostram, por debaixo das caiações sucessivas, profusão de pinturas murais a sugerirem brocados. A ábside e os braços do transepto, cobertos de abóbada simples de canhão, têm paramentos cegos; aplicado ao frontal do altar mor retábulo em mármore, com Apostolado, lavrado em baixo relevo.</p>		Área Construída (m ²): 222																										
<table border="1"> <tr> <td rowspan="3">Estado de Conservação:</td> <td>A</td> <td>Satisfatório</td> <td rowspan="3">Estrutura Portante:</td> <td>B</td> <td rowspan="3">Elementos Secundários:</td> <td rowspan="3">A</td> <td rowspan="3">Cobertura:</td> <td rowspan="3">A</td> <td rowspan="3">Interior:</td> <td rowspan="3">A</td> <td rowspan="3">Instalações e Serviços:</td> <td rowspan="3">B</td> <td rowspan="3">Salubridade:</td> <td rowspan="3">A</td> <td rowspan="3">Grau de Protecção:</td> </tr> <tr> <td>B</td> <td>Mediocre</td> <td rowspan="2">Em:</td> <td rowspan="2">C</td> <td rowspan="2">Mau</td> </tr> <tr> <td>C</td> <td></td> </tr> </table>		Estado de Conservação:	A	Satisfatório	Estrutura Portante:	B	Elementos Secundários:	A	Cobertura:	A	Interior:	A	Instalações e Serviços:	B	Salubridade:	A	Grau de Protecção:	B	Mediocre	Em:	C	Mau	C		Protecção Existente: Imóvel de Interesse Público, Dec. nº 251/70, DG 129 de 03 de Junho 1970.		Protecção Proposta: Monumento Nacional	
Estado de Conservação:	A		Satisfatório	Estrutura Portante:		B												Elementos Secundários:	A				Cobertura:	A	Interior:	A	Instalações e Serviços:	B
	B		Mediocre			Em:														C	Mau							
	C																											
				2																								
<p>Planta do piso térreo</p>																												
<p>Observações:</p> <p>Compilada por: Nuno Martins do Vale Conferida por: Professor Dr. Arq.º João Rosado Correia Revista por: Professor Dr. Arq.º João Rosado Correia</p> <p>Data: Julho de 1998 Data: Julho de 1998 Data: Julho de 1998</p>																												

DADOS COMPLEMENTARES:**Dados Tipológicos:**

Arquitectura religiosa, maneirista. Protótipo de um universo muito característico do ciclo alentejano de Miguel de Arruda, ao serviço do Cardeal Infante D. Henrique, cujo melhor e mais genuíno exemplar será porventura Santa Maria de Estremoz (070403022). Pinturas murais, provavelmente seiscentistas, semelhantes do que ainda hoje se vê na Misericórdia de Santarém (141620018) cujo risco é comprovadamente de Miguel Arruda.

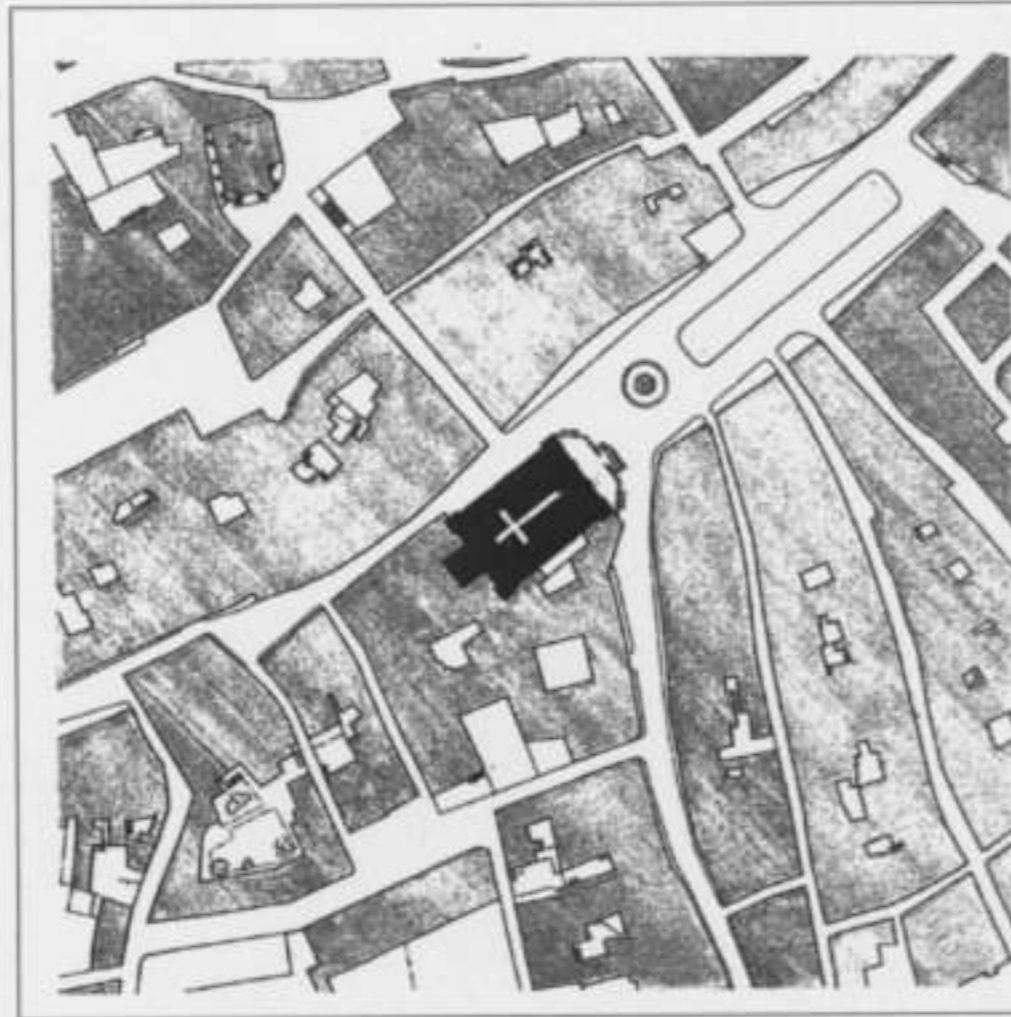
Dados Cronológicos (Histórico-Arquitectónico):

1548 - concepção e risco do templo, de Miguel de Arruda, fundado para albergar a colegiada de Santo Antão de que os Arcebispos de Évora eram por inerência os priores; 1557 - início da obra no local de uma antiga ermida de invocação a Santo Antoninho e de uma antiga albergaria ou hospital de invocação do Corpo de Deus, que pertencera aos Templários; o novo edifício sacrificou ainda as ruas dos Galos e de Maria Espina; 1563 - conclusão da obra por Manuel Pires; 1568 - forte abalo sísmico deixa-a sem cobertura sendo reparada por Afonso Álvares; 1723 - Passos de Santo Antão; 1755 - restauro após terramoto, composição da cimalha da frontaria e torres sineiras.

Dados Técnicos (Sistema Construtivo e Materiais):

Paredes autoportantes, em alvenaria mista rebocada de cor branca

Restaurações e Intervenções Realizadas: 1933 - reconstrução de cimalkas e rebocos; 1987 - reparo de telhados, calceiras e gárgulas, reparo do Passo exterior, colocação de um pináculo de cantaria; 1988 - assentamento de sobrado e rebocos de paredes interiores; 1990 - reconstrução de vigamentos nos telhados; 1994 - reparação parcial de coberturas incluindo limpeza de gárgulas e algerozes e reparação de clarabóias; 1995 - refechar fendas, reconstrução rebocos de paredes e tectos e caliações ao nível do coro-alto; reparação dos cabeçotes dos sinos e dos pêndulos do relógio nas torres sineira O. e do relógio.

Restauração Necessária:**Características Especiais:****Utilização Proposta:****Utilizações Possíveis:**

Bibliografia Básica: . *Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* - fichas

Perigos Potenciais: Ocupação imprópria

Dados Jurídicos: P

Proprietário: Privado

Reinspecionado por:
Data:

Estudo tipológico de um programa habitacional

Estudo de viabilidade para a Av. D. Carlos Camargo, Lote 173, em Curitiba, Paraná - Projeto Urbano José Costa

Estudo de viabilidade para o projeto de habitação popular, visando a implementação do programa de habitação de interesse social.

Estudo de viabilidade para o projeto de habitação popular, visando a implementação do programa de habitação de interesse social.

O tipo de investigação apresenta uma dimensão predominantemente descritiva, mas é mais. A partir da análise e interpretação dos dados coletados, busca-se estabelecer uma relação causal entre as variáveis analisadas, visando a identificação de causas e efeitos.

O estudo tipológico é realizado com base em dados coletados em campo, visando a identificação de padrões e tendências. Este tipo de estudo é caracterizado pela coleta de dados em um determinado momento e espaço, visando a identificação de características e padrões.

Este estudo é realizado com base em dados coletados em campo, visando a identificação de padrões e tendências. Este tipo de estudo é caracterizado pela coleta de dados em um determinado momento e espaço, visando a identificação de características e padrões.

Este estudo é realizado com base em dados coletados em campo, visando a identificação de padrões e tendências. Este tipo de estudo é caracterizado pela coleta de dados em um determinado momento e espaço, visando a identificação de características e padrões.

Segunda Fase

Estudo tipológico de um programa habitacional

Estudo de viabilidade para a Av. Dantas Carneiro, Lote n.º 5, em Caminha, Portugal –
Conjunto Fernando José Correia

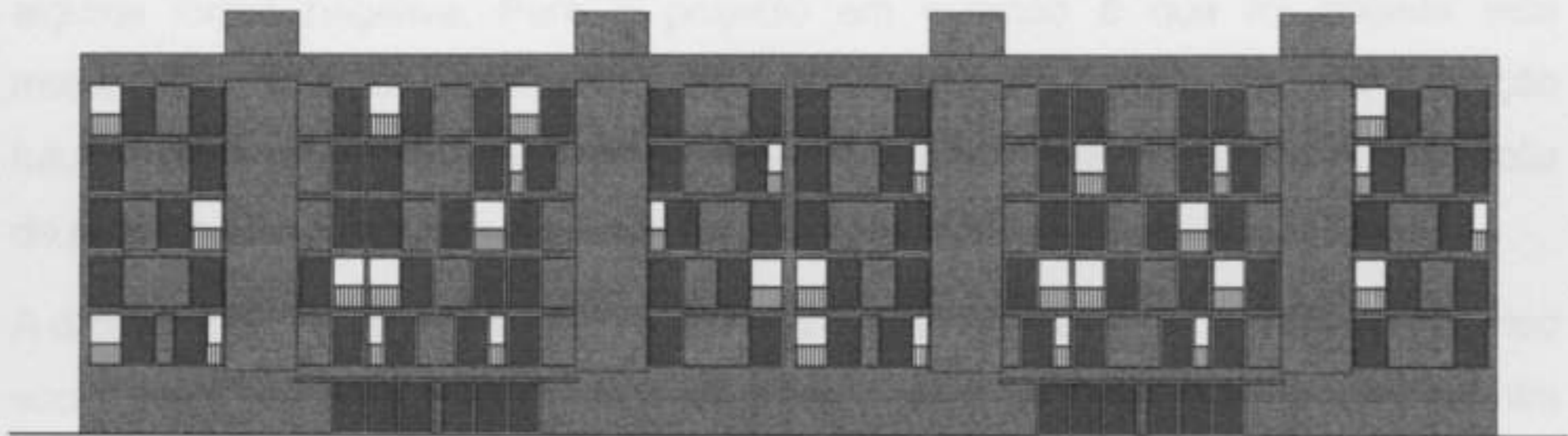
Enquadrado neste trabalho, procedi ao estudo de variadas tipologias a desenvolver no programa de habitação contemplado.

• Caracterização do local de intervenção

O local de intervenção apresenta uma dicotomia potencialmente interessante mar / serra. A poente o horizonte é marcadamente homogéneo e horizontal (mancha marítima), a nascente existe uma predominância da componente vegetal encabeçando as assimetrias geográficas.

O conjunto habitacional é composto por quatro edifícios alinhados, com fachadas viradas a Este e Oeste, constituindo-se como um elemento duplamente dialogante com a envolvência natural. Esta considerável massa construída idealizada (o projecto previa uma cércea de 6 pisos) é composta por duas fachadas completamente díspares na sua relação com o elemento dialogante (mar ou serra). A fachada nascente, por conseguinte virada à serra, reflecte uma atitude de "recolhimento ". O alçado em estudo é concebido como uma caixa de betão armado aparente fechada, lembrando a "pureza" e "rudeza" das montanhas em confrontação. Na fachada poente optou-se por uma atitude contrária, ou seja, de abertura quase completa ao mar. Neste alçado antagónico é procurada a relação de transparência emanada pela própria água do mar, através de um envidraçado quase total. Em qualquer dos alçados é de destacar a pureza dos materiais a empregar nos edifícios. A "pureza" constitui-se, por conseguinte, como a filosofia de intervenção do projecto.

Na "caixa de betão" virada à serra é introduzido movimento através da solução adoptada para as caixilharias dos vãos - caixilharias deslizantes externamente. Deste modo é conferida "vida" e movimento ao alçado em permanente mutação, consoante as aberturas dos vãos. Sobre uma matriz homogénea e estática é introduzido movimento e heterogeneidade através dos "vãos deslizantes".



- Fig. n.º 11 – Alçado Nascente – Esquema de abertura dos vãos

• Estudo tipológico

Como base operativa foi considerado que as tipologias a desenvolver seriam as habitações do tipo T2 e T3, em resultado de variadas discussões entre as várias partes interessadas.

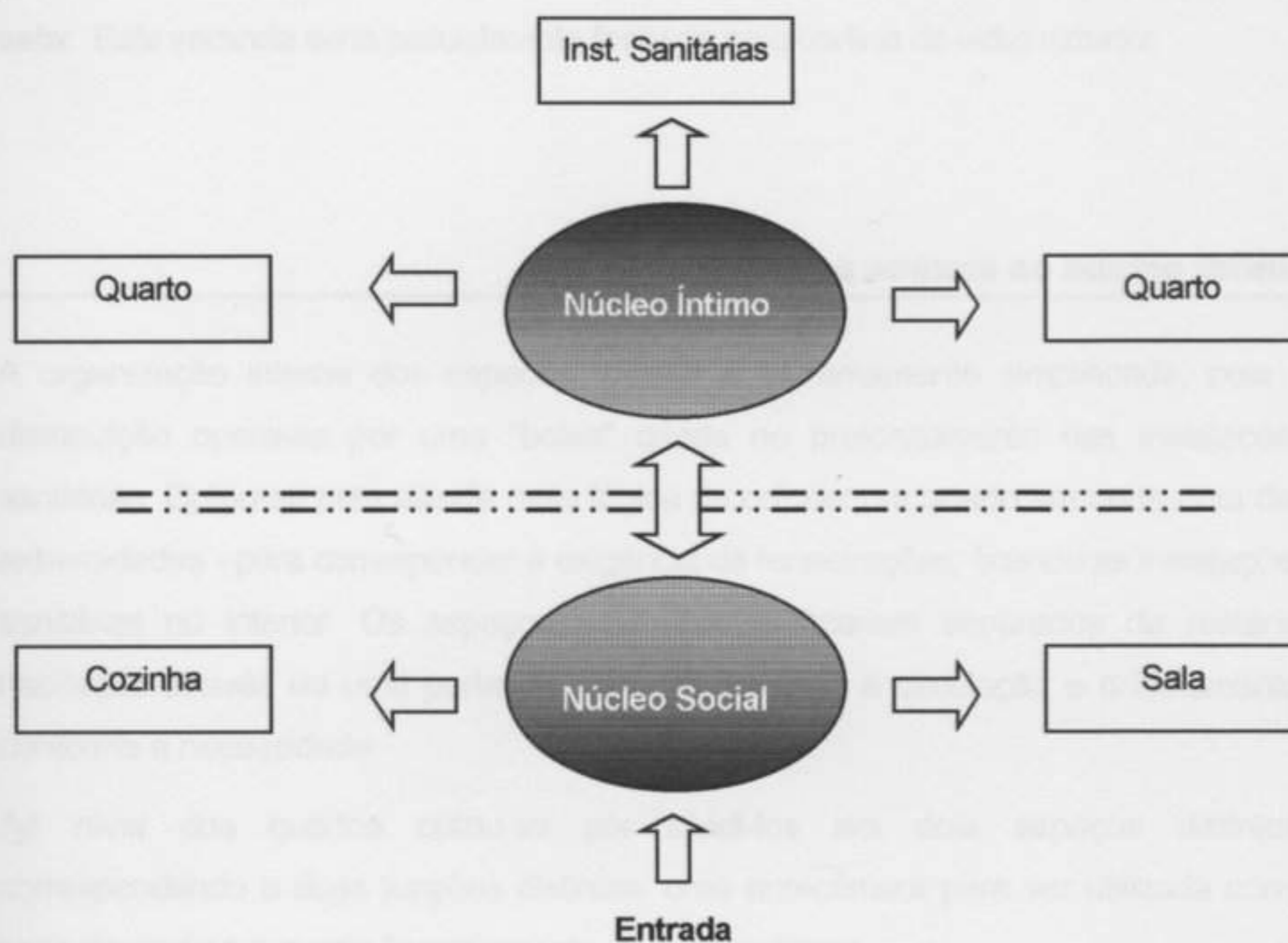
Em cada prédio, as circulações verticais são o elemento central de uma estrutura definida como uma retícula simples. De um dos lados é proposto um fogo do tipo T2 e, do outro lado, um fogo do tipo T3.

Seguindo o pressuposto de que na Arquitectura as fachadas são o reflexo do interior, a filosofia de intervenção engendrada para a sua concepção teria que nascer no interior dos fogos. A pureza das fachadas seria o reflexo da pureza de espaços e tipológica interior.

A simplicidade da organização interna foi a característica procurada na experimentação e investigação que se efectuaram. A simplicidade de organização interna pressupõe um espaço fluído com uma maximização das áreas vivenciadas,

como os quartos, a sala e a cozinha e a ausência de corredores como zonas de circulação. A principal preocupação na concepção dos espaços foi a de evitar espaços perdidos, como cantos e recantos sem funcionalidade. O objectivo da procura tipológica efectuada era de conseguir espaços compostos por planos interiores perfeitamente conciliados entre si, num conjunto harmonioso. Não se pretende, desta forma, afirmar que a existência de corredores numa habitação é de alguma forma negativa. Para o projecto em questão é que foi traçada esta metodologia, tendo em conta as características do local, áreas disponíveis, utilização futura preferencial das habitações e, em último mas não menos importante, a filosofia do projecto.

A distribuição interna das habitações seria processada através de núcleos: um núcleo social e um núcleo íntimo, separado. O núcleo social seria o espaço de ligação entre a entrada, a cozinha e a sala e o núcleo íntimo serviria de acesso aos quartos e instalações sanitárias. A separação entre os dois núcleos efectuar-se-ia com uma porta de correr.



• Fig. n.º 12 – Esquema da organização interna da habitação

Espaços anexos ao núcleo social

A premissa principal no desenvolvimento da organização interna dos espaços sociais era a de explorar ao máximo as potencialidades das paisagens do sítio (as vistas). Tendo um horizonte marítimo a poente e uma serra acidentada a nascente, considerou-se que a sala (zona de estar) deveria constituir-se como um espaço "corredor", no sentido em que dispusesse de dupla fenestração (dupla exposição ao sol).

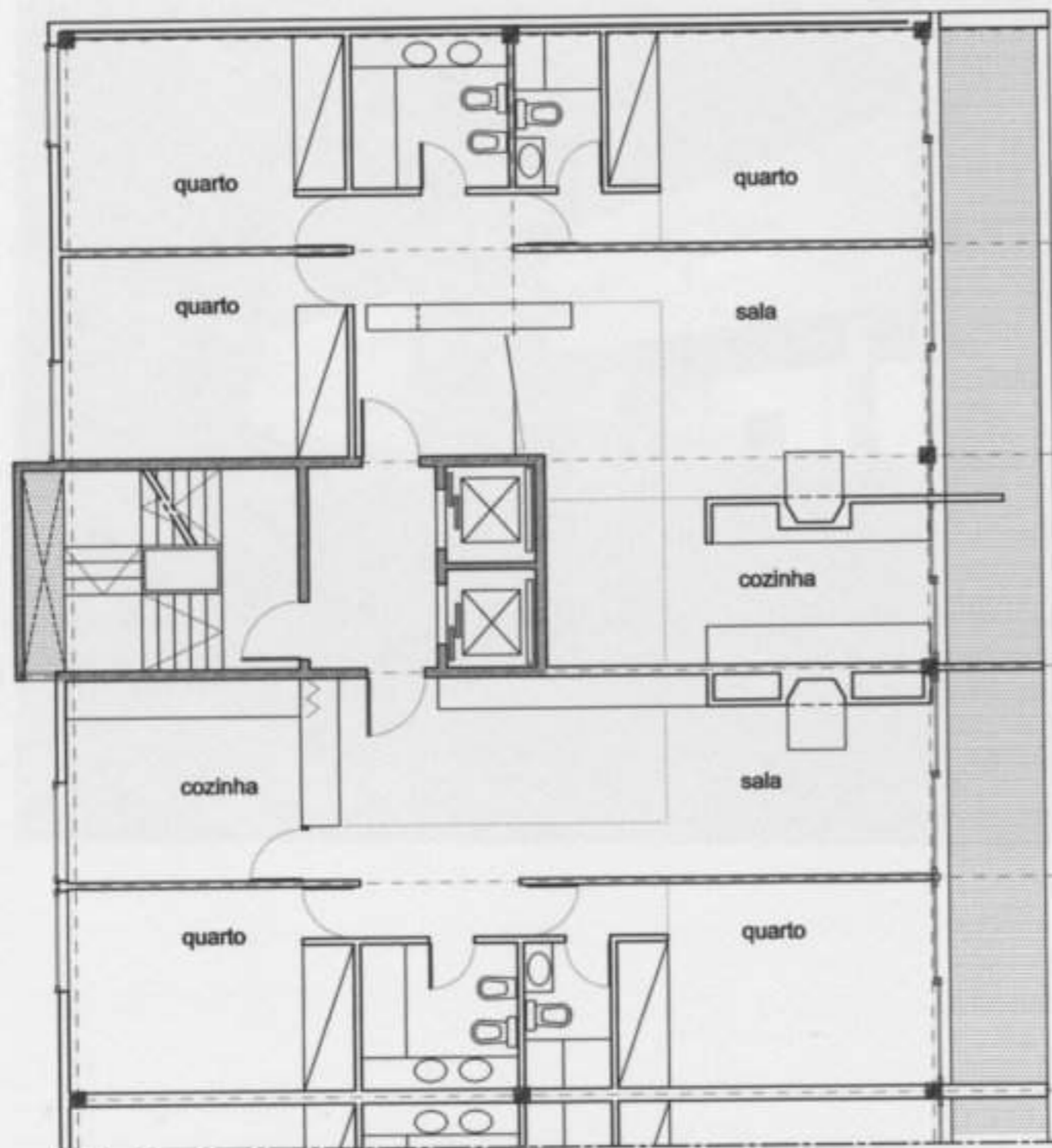
Esta situação, idealmente muito interessante, acabou por não ser possível de realizar (por variadas razões de ordem prática e funcional), optando-se por introduzir no segmento com vãos para a serra uma cozinha detentora de ligação visual com a sala - cozinha quase integralmente aberta para a sala, possibilitando, dessa forma, os enfiamentos visuais pretendidos.

Para uma maior exploração da envolvência e tentando conferir, de certa forma, uma vivência exterior, resolveu-se incluir uma varanda como prolongamento da zona de estar. Esta varanda seria parcialmente fechada pela cortina de vidro exterior.

Espaços anexos ao núcleo íntimo

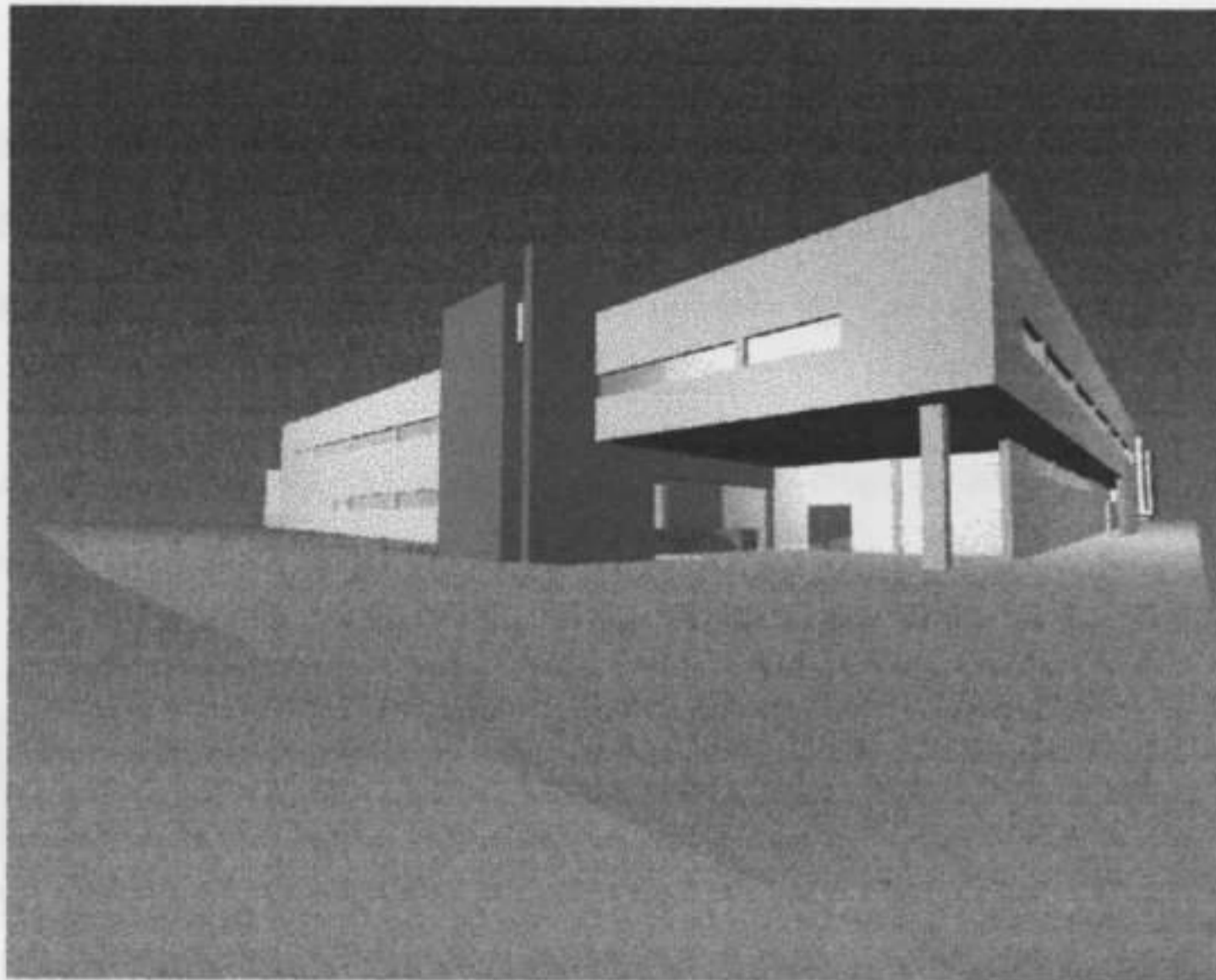
A organização interna dos espaços íntimos é extremamente simplificada, pois a distribuição opera-se por uma "bolsa" criada no prolongamento das instalações sanitárias. Optou-se pela atitude mais lógica de colocar um quarto em cada uma das extremidades - para corresponder à exigência de fenestrações, ficando as instalações sanitárias no interior. Os espaços mais íntimos ficariam separados da restante habitação através de uma porta de correr, permitindo a circulação e o isolamento, conforme a necessidade.

Ao nível dos quartos optou-se por dividi-los em dois espaços distintos, correspondendo a duas funções distintas: uma antecâmara para ser utilizada como zona de vestir e o quarto "propriamente dito" para dormir.



• Fig. n.º 13 – Planta do piso tipo de um lote

Concurso de concepção do edifício sede da BIA



Terceira Fase

Concurso de concepção do edifício sede da EDIA

O concurso lançado pela EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, S.A., visava a construção da sua sede num novo local em Beja, onde pudesse aglomerar no mesmo edifício, construído de raiz, todas as funções que se encontram dispersas em vários pontos da cidade.

Para que tal fosse possível, a Câmara Municipal de Beja cedeu um terreno: o lote n.º 25 do Plano de Pormenor Beja IV.

• Caracterização do sítio

A envolvente urbana do sítio, como é referido no programa de concurso, não constitui condicionante a destacar, pelo carácter iminentemente periférico da zona. A característica dominante da localização é uma disponibilidade considerável de áreas de estacionamento, em consequência da presença de unidades de comércio de grande superfície nas proximidades, para além de boas condições de acessibilidade quer do centro, quer do exterior. Segue-se um pequeno excerto do programa para melhor caracterizar as confrontações do lote:

"No lado poente, o terreno é marginado por uma frente de moradias em banda com dois pisos; a norte confronta com a fachada posterior de um hotel de quatro pisos e uma pequena praça de estacionamento; no lado sul, directamente com o terreno em causa, projecta-se uma placa ajardinada, estando em construção no quarteirão contíguo um conjunto habitacional com dois pisos e um bloco comercial ou de serviços com 3 pisos; por último, a nascente, situam-se as partes laterais de um stand de automóveis e de um supermercado, aspecto amenizado pela presença de uma linha de palmeiras."

Esta ausência de carácter arquitectónico da envolvente próxima, como é possível depreender através da descrição feita, ganha ênfase considerável na visita ao local.

Da mesma forma, é permissível caracterizar o sítio como possuidor de debilidades ao nível de um ambiente urbano marcante e de tipologias ou volumetrias dominantes.

A opção do projecto, não se podendo ancorar neste tipo de fragilidades, foi a de aproximação a uma envolvente alargada, ao nível da cidade ou região. Esta premissa justifica-se e alcança uma nova dimensão quando se compreende que o Alqueva servirá como pólo regenerador de todo o Alentejo. O espaço a conceber desempenhará um papel de acompanhamento à evolução da dinâmica inoculada pela existência da água da barragem, acarretando contributos de ordem económica, social e climática a uma região necessitada.

A EDIA, enquanto empresa que servirá para coordenar todo o processo, possuirá, desta forma, um edifício sede que seja ao mesmo tempo aglutinador das tendências alentejanas e referência futura.

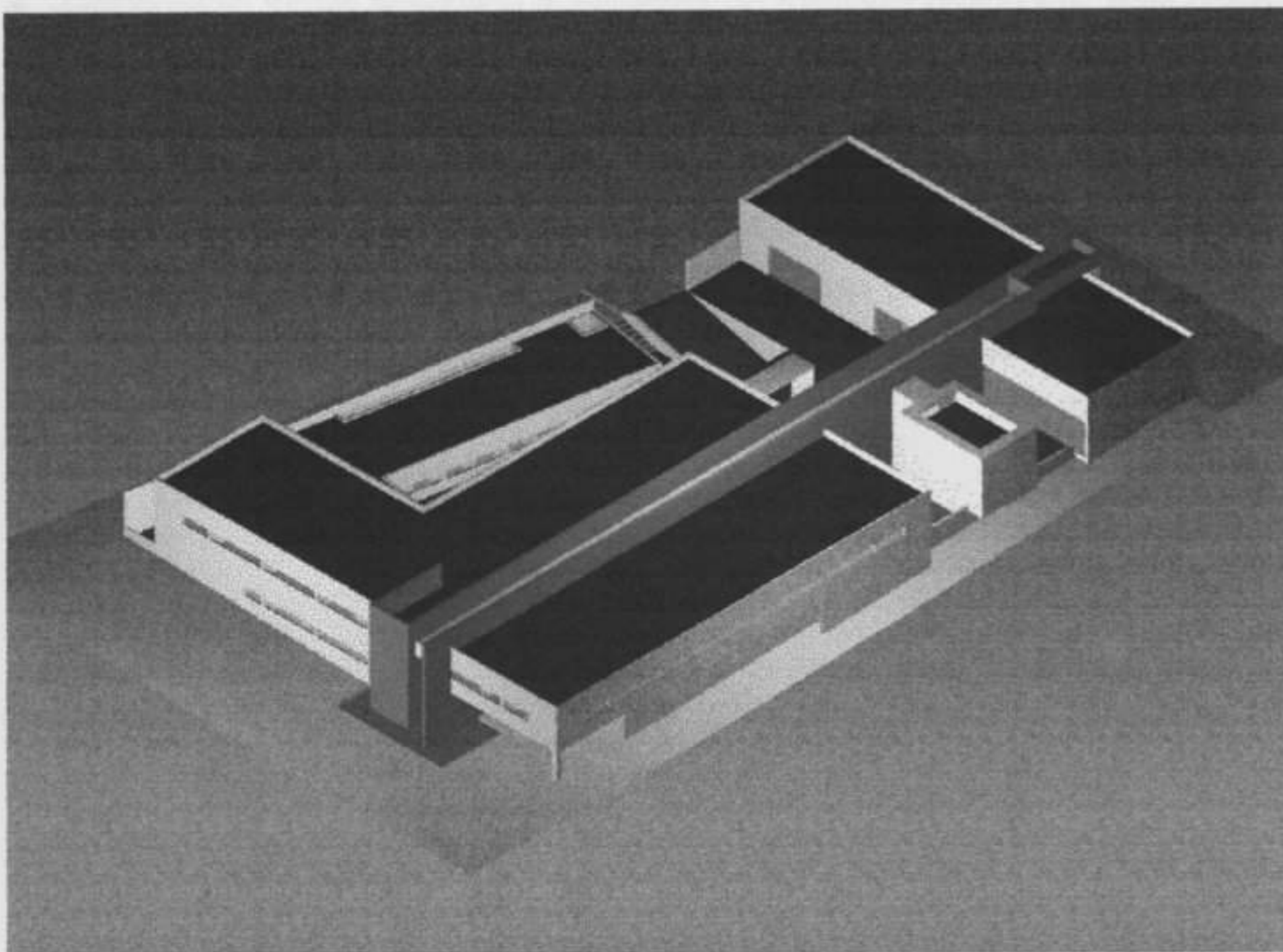
O "essencial da arquitectura Alentejana", articulado com a forte componente funcional e "emblemática" do edifício, bem como a inevitável abertura a inovações tecnológicas, constituíram-se como os principais fundamentos regradores do desenvolvimento do projecto em questão.

O conjunto edificado em proposta pretende contrariar as tendências adjacentes de volumetrias maciças de desenvolvimento vertical ou horizontal e funcionalidades estereotipadas, impondo-se pela sua qualidade arquitectónica, de vocação urbana, formal e funcional.

• Filosofia de intervenção

O terreno de implantação apresentava um desnível perfeitamente percorível por uma rampa com uma inclinação reduzida e confortável. Perante tal facto e querendo-se uma volumetria com uma cércea de apenas dois pisos (assim como exigia o programa), optou-se por uma solução projectual de construir um edifício que se fosse moldando ao terreno e, naturalmente, fragmentando.

A ideia conceptual de base consistia em criar uma divisão em partes, em edificações distintas, mas que fossem unidas por um elemento marcante e simbólico. Esta divisão justificava-se por não se querer criar uma massa construída maciça, preferindo-se a atitude de distribuição pelo terreno.



• Fig. n.º 14 - Modelo tridimensional do conjunto - axonometria

Os condicionamentos urbanísticos constantes do Plano de Pormenor "Beja IV" exigiam que se mantivesse livre, como logradouro, cerca de um quarto da área do terreno (890 m² em 3560 m² de total). A relação do interior com o logradouro e com o exterior ganha, por conseguinte, uma importância significativa. A este nível e dispondo-se de vários volumes é permitido criar espaços intersticiais altamente qualificados, com relações de rua e praça / pátio no interior do próprio lote.

As vantagens da tipologia pretendida assentam nos seguintes factores:

- Capacidade de concretização faseada da construção, aliada à possível evolução dos espaços construídos;
- Estratificação do programa por núcleos, com desenvolvimentos verticais próprios, ao contrário de volumetrias totais desenvolvidas por pisos;
- Composição formal adequada à estratificação funcional pretendida, bem como à escala urbana envolvente.

A ideia de génese proposta assentou num conjunto construído que fosse facilmente perceptível em termos da sua estrutura funcional, tanto para o utilizador frequente, como para o ocasional, através da simplificação da circulação interna, assim como, pela definição de espaços exteriores diferenciados que contribuam para a autonomização das partes interiores.

Elemento rampa

Tentando conferir um sentido de conjunto ao projecto, surge um "elemento percurso unificador". A rampa de união entre os espaços construídos materializa-se para o exterior e ganha forma através de um volume longitudinal saliente e agregador. A função interna de circulação encontra a nova dimensão de aglutinar as volumetrias exteriores, revelando um paralelismo interior / exterior. Este volume atinge uma altimetria superior aos restantes espaços, distinguindo-se, igualmente, pelo material compositivo: o tijolo burro. O vermelho característico do tijolo opera um contraste estimulante com a brancura das paredes concomitantes.

No interior, o contraste entre materiais de revestimento permanece idêntico, procurando-se a autonomização formal e funcional do volume gerado a partir do **elemento rampa**. A ideia empregue nesta situação é a de concepção de paredes enquanto "muros" de tijolo burro, anunciando-se o material de revestimento, quer para o exterior, quer para o interior, podendo este facto servir de referencial de orientação.

É de salientar, perante as ideias supracitadas, a filosofia projectual de transparências e paralelismos entre o conjunto (enquanto objecto percebido do exterior) e suas interioridades.

Às já referidas funções de união de espaços exercidas pelo elemento rampa, acresce uma terceira função, a de separador funcional interno. Se por um lado permite a circulação interna, torna-se ideal para operar a divisão entre espaços públicos e espaços de serviços e técnicos.

Para além dos enquadramentos programático e funcional, o elemento mais marcante do edifício pretendia-se que fosse afectado da tal dimensão simbólica e emblemática. Tratando-se de uma sede de uma empresa que vai gerir uma barragem e os benefícios daí resultantes, o elemento de maior carga poética a utilizar seria, com certeza, a água. O volume em tijolo burro seria percorrido superiormente por um canal de água, cujo ponto de queda cria a definição do elemento entrada. O jogo de paralelismos fica, desta forma, completo: a água enquanto elemento unificador, regenerador, emblemático e separador.

• **Análise Programática**

O programa preliminar do concurso apresentava uma relativa complexidade. Da análise deste documento e dos organigramas funcionais da empresa, optou-se por considerar seis grandes áreas funcionais globais:

- Espaços com acesso público
- Espaços com acesso público controlado
- Sectores técnicos – ligação ao exterior independente
- Serviços – ligação ao exterior independente
- Administração
- Estacionamento

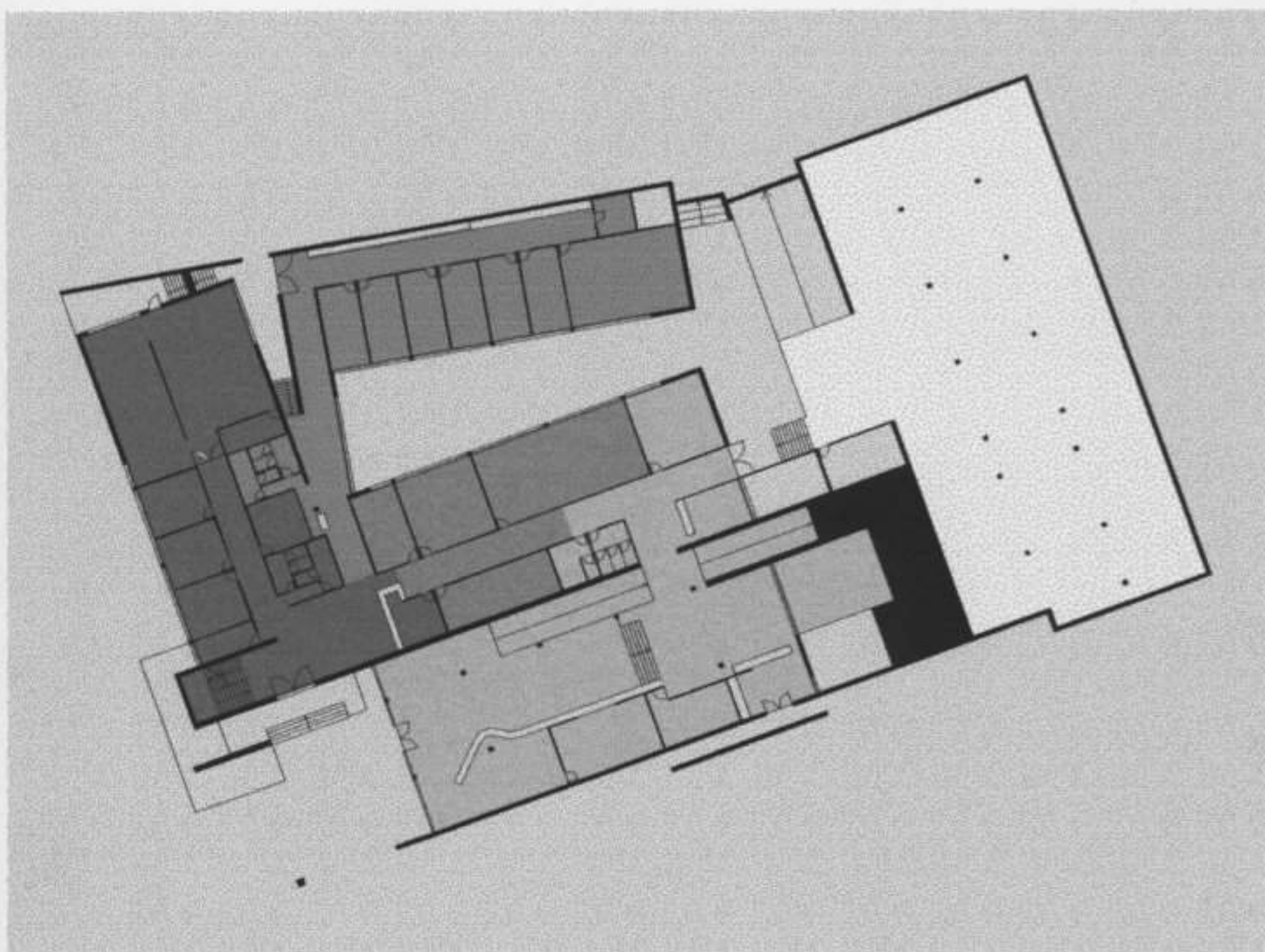







Fig. n.º 15 - Planta do piso 1
Esquema cromático de articulação dos espaços interiores

Legenda :

-  Circulação pública - Espaços com acesso público
-  Circulação pública controlada - Espaços com acesso público controlado
-  Circulação dos sectores técnicos - Sectores técnicos
-  Circulação de serviços - Serviços sem acesso público, com ligação ao exterior
-  Estacionamento

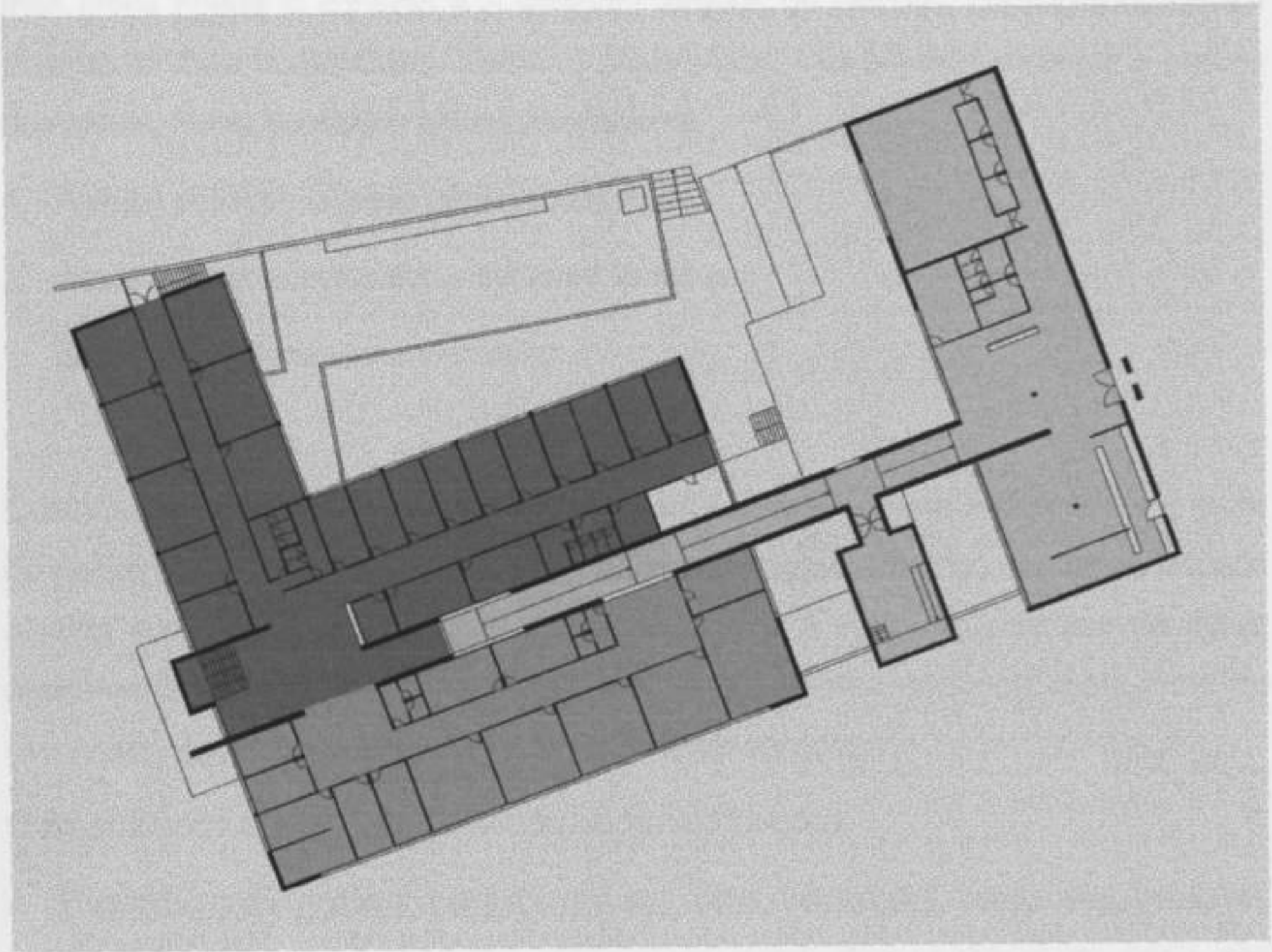





Fig. n.º 16 - Planta do piso 2

Esquema cromático de articulação dos espaços interiores

Legenda :

-  Circulação pública - Espaços com acesso público
-  Circulação dos sectores técnicos - Sectores técnicos
-  Circulação da Administração - Espaços da Administração

Para fazer a divisão das áreas preferiu-se não criar barreiras físicas intransponíveis, mas antes operar o controlo e a filtragem através de balcões, conseguindo-se um tratamento mais humanizado. Existem, deste modo, três balcões a operar a divisão das zonas, numa sucessiva escala ascensional:

1. Acesso público – acesso público controlado;
2. Acesso público controlado – sectores técnicos;
3. Sectores técnicos – administração;

Como já foi mencionado, a estruturação funcional do programa é concebida a partir do elemento de circulação longitudinal – elemento rampa. Partindo do grande espaço exterior coberto que marca as entradas do edifício e o fim do percurso de água, acede-se à zona pública do conjunto, que se desenvolve ao longo desta linha de circulação, delimitando a zona pública da zona de serviços.

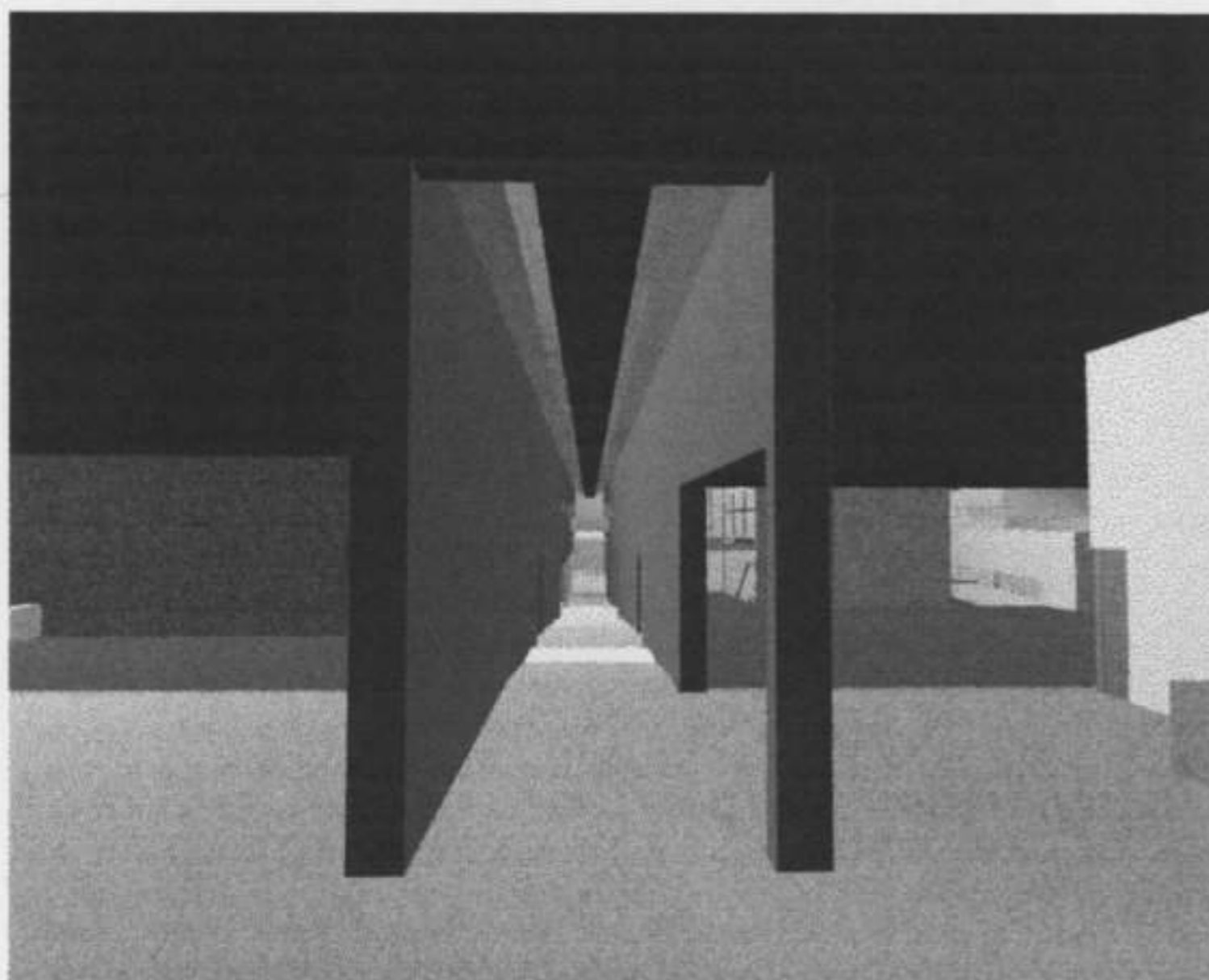
O programa do piso 1, compõe-se das seguintes funções:

- Espaços com acesso público directo: átrio, recepção, tesouraria, relações públicas, cafetaria, reprografia, assim como instalações sanitárias de apoio aos diferentes espaços; os espaços com acesso público controlado, compreendem o centro de documentação e o centro de informática, bem como sala de reuniões e sala de estruturação fundiária. A partir da zona pública do edifício existe ainda a zona destinada a segurança e recepção, que controla a permeabilidade destes espaços e o seu contacto com o sector técnico e administrativo;
- Os espaços sem acesso público, com ligação ao exterior, numa parte independente do conjunto, contêm as funções e sectores de hidráulica e engenharia agrícola, obras, topografia e desenho, fiscalização, conservação e ainda centro de controlo de rega do Alqueva;
- Finalmente o sector administrativo e de serviços, desenvolve-se verticalmente a partir da entrada própria, e a este nível contém dois dos serviços de Direcções variadas (Direcção de Obras e Agricultura e Desenvolvimento Rural).

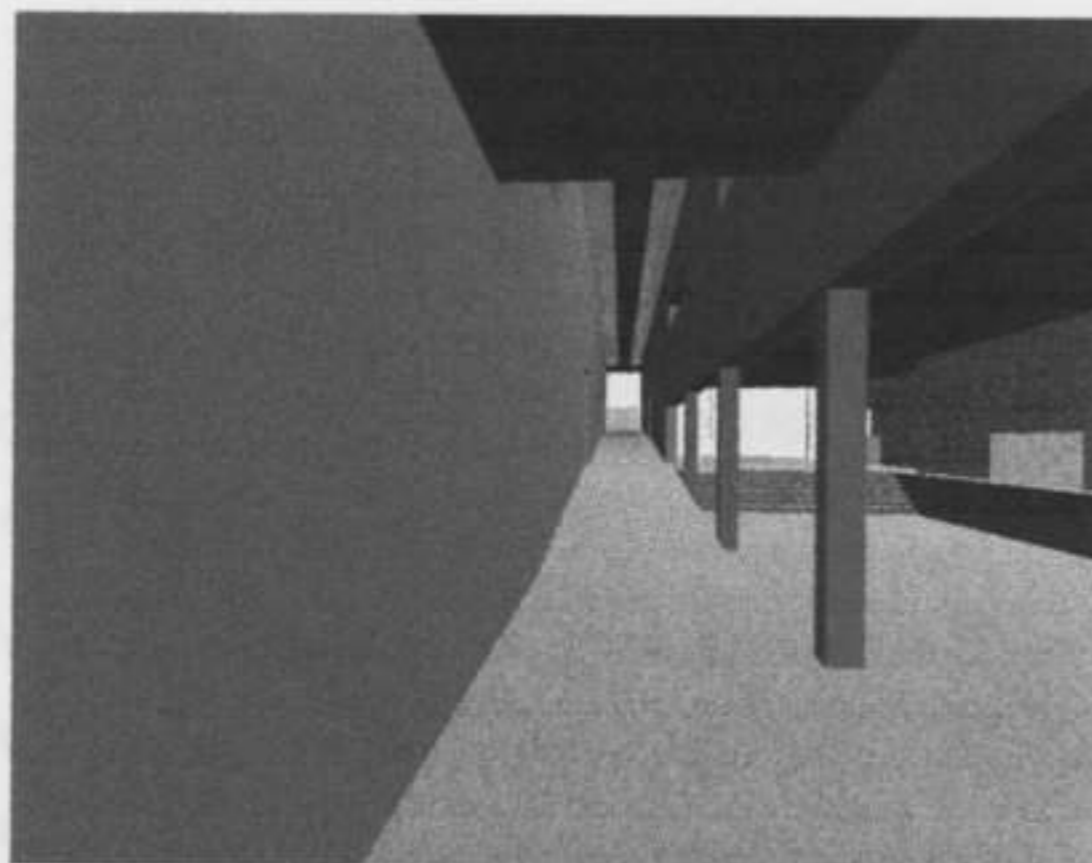
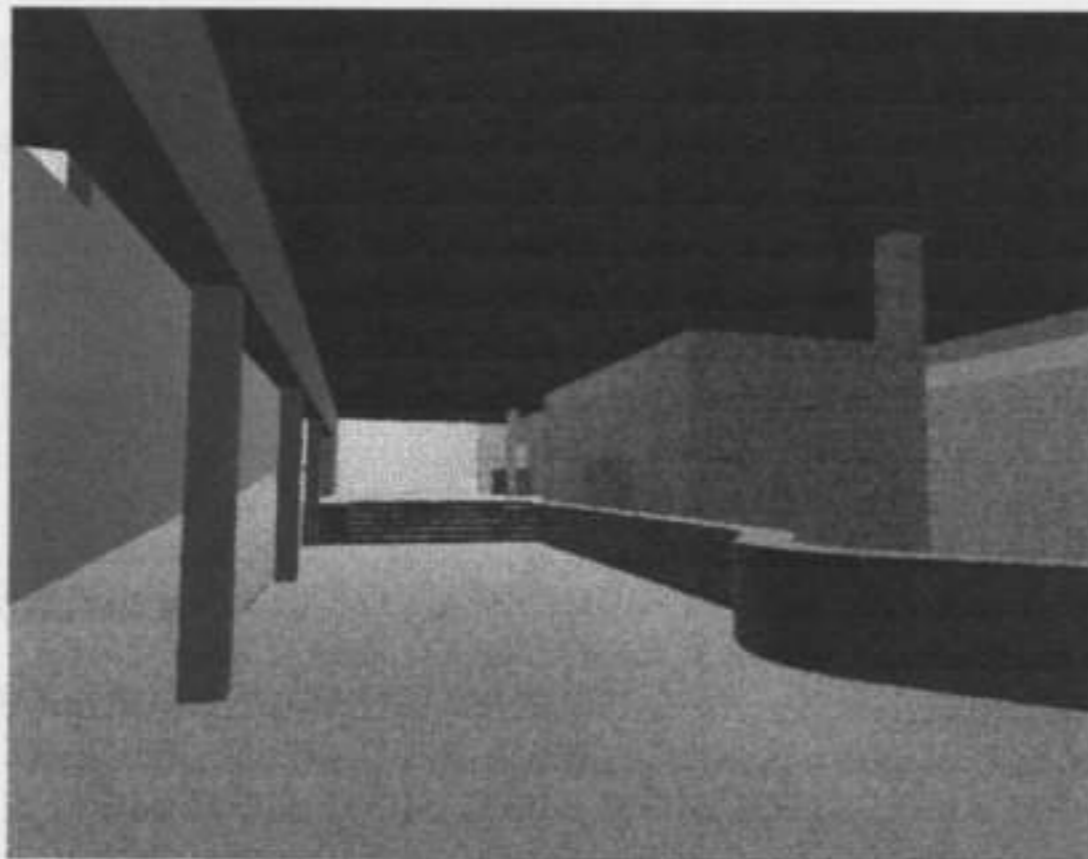
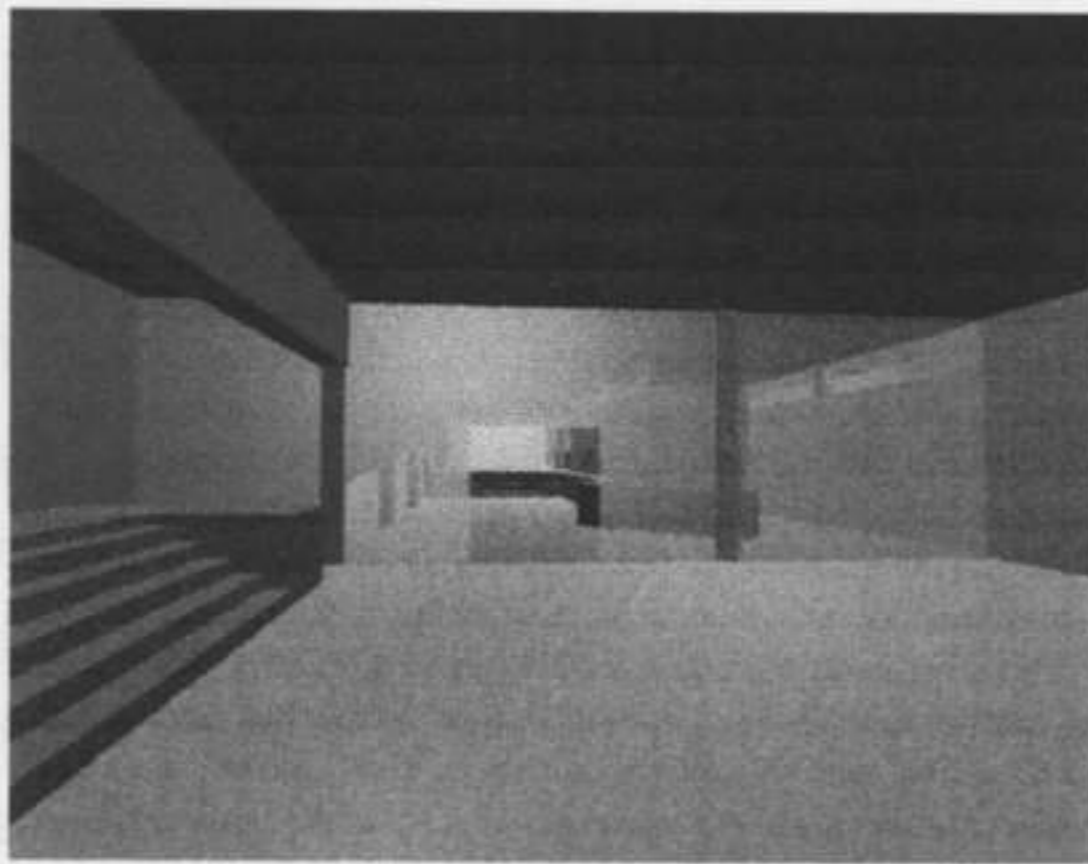
O programa do piso 2 é constituído pelos restantes espaços dos sectores técnicos, administrativo e outros espaços públicos, completamente autónomos dos anteriores. No sector técnico, estão situados os serviços que completam os existentes no piso inferior (outras Direcções).

Articulado com este sector, pelo hall que se relaciona com o piso de entrada, situa-se a zona de administração, no lado Poente do conjunto, sobreposto ao espaço exterior e átrio de entrada. Este é composto por sala do conselho de administração, gabinete do Presidente do C.A., gabinetes de Administradores, bem como secretariado, etc. Existem ainda relacionados com este sector, e junto ao hall os gabinetes de Assessores, Consultores jurídicos e Relações públicas.

Neste piso, mas sem relação com as funções administrativas ou de serviços, situam-se os restantes espaços com acesso público, embora com um carácter mais controlado: sala de exposições, restaurante, estúdio de audiovisuais e finalmente o auditório com capacidade para cerca de 150 pessoas, apoiado por um grande espaço de hall, cafetaria e foyer.



• Fig. n.º 17 – Perspectiva do espaço de hall, cafetaria e foyer, no topo da rampa



• Fig. n.º 18 – Perspectivas várias indiciando a entrada no edifício

Aspectos Construtivos

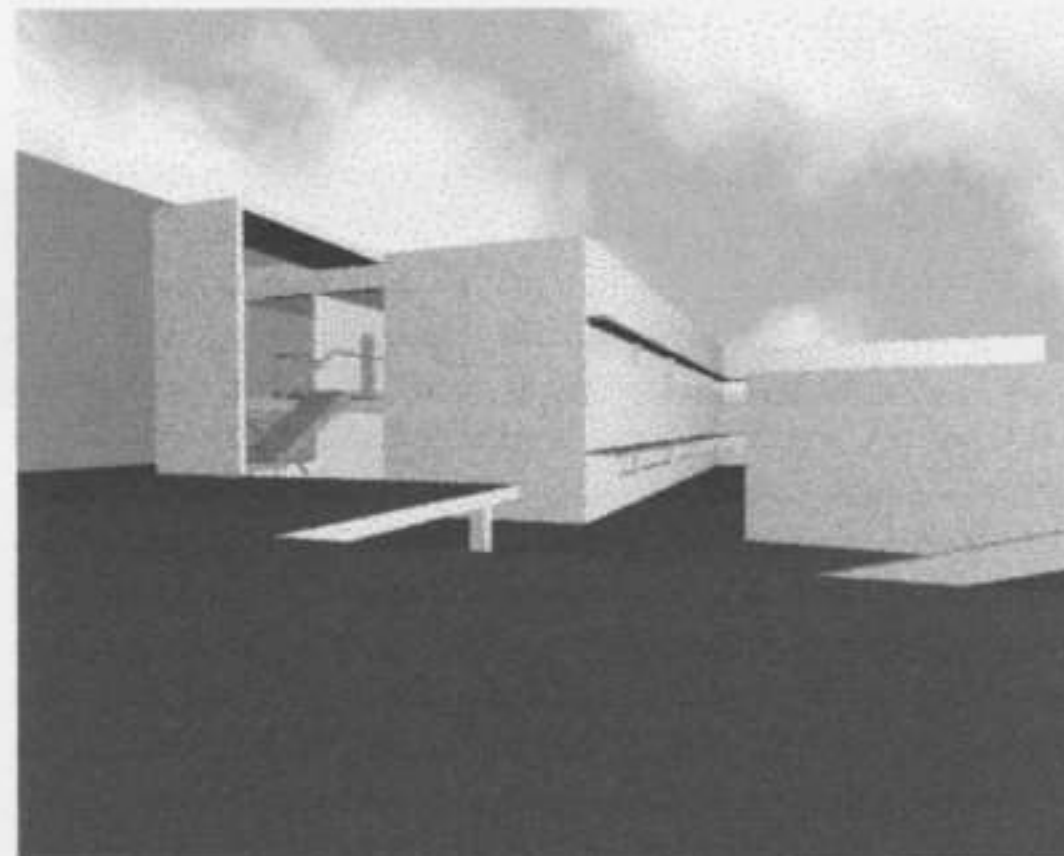
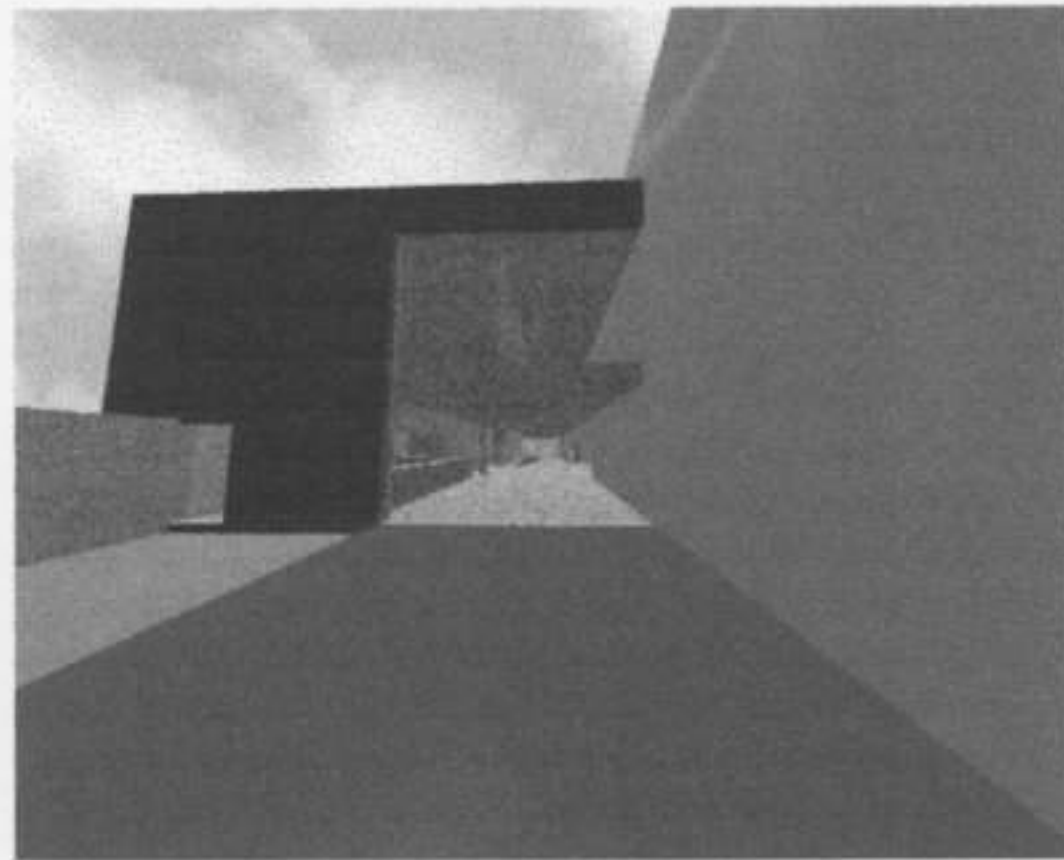
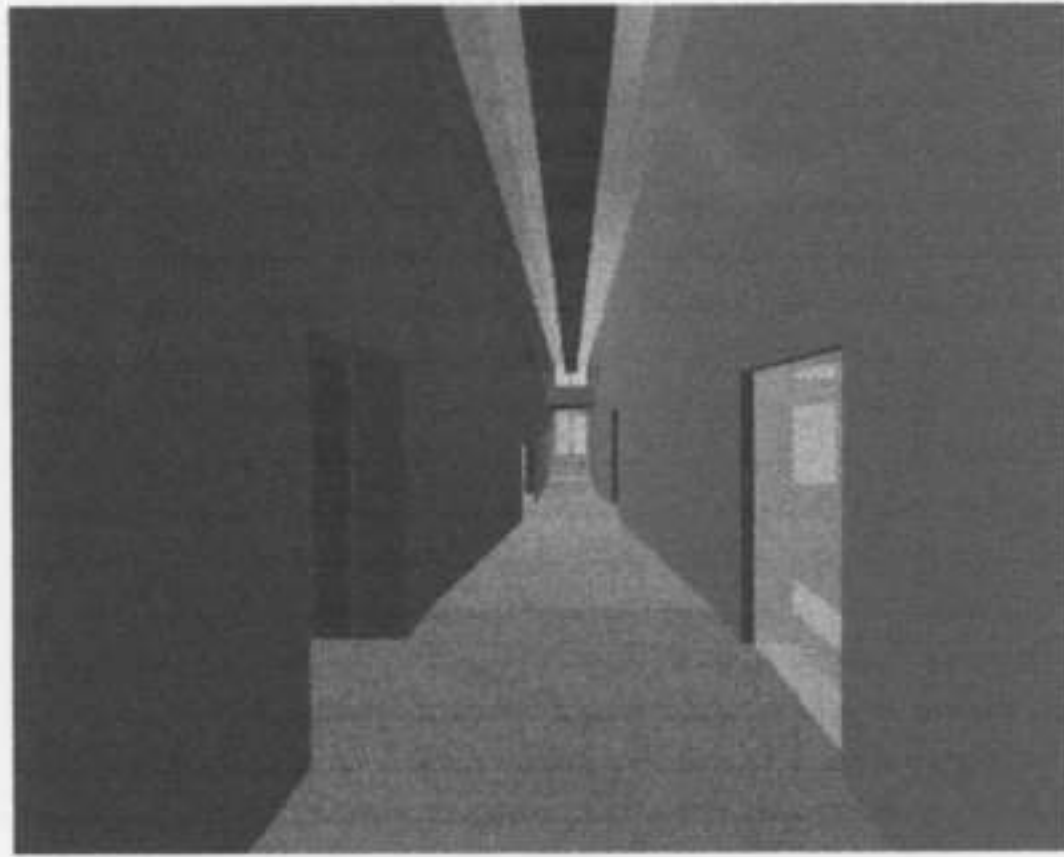
Os aspectos construtivos do conjunto assentariam em factores de economia de consumo e manutenção, bem como no recurso a materiais característicos da zona. Todo o edifício será estruturado com pilares e lajes de betão armado, com vigas embebidas, permitindo utilizar toda a dimensão entre lajes como pé-direito livre numa grande maioria das situações.

Um factor importante a considerar é a polivalência programática pretendida pelo cliente, uma vez que em qualquer empresa não é possível manter um organigrama funcional inalterável para sempre. Nesse sentido, as paredes divisórias secundárias (transversais às circulações entre os diversos espaços) sugeriu-se que fossem executadas em sistema que empregue tecnologias leves e limpas (gesso cartonado), tipo "pladur", com estrutura de alumínio e providas de isolamento térmico e acústico. O recurso a esta tecnologia, associado aos tectos falsos visitáveis nas zonas de circulação permitirá simplificar a execução e manutenção das infra-estruturas (ventilação, electricidade, telefone e redes informáticas).

A definição dos materiais de acabamento só será possível concluir aquando de uma fase posterior do projecto, mas algumas propostas começaram desde logo a ser delineadas:

- mármore da região para o pavimento e revestimento de algumas paredes (essencialmente na zona de público);
- madeira para o pavimento, vãos interiores e equipamento fixo;
- alumínio para as caixilharias.

Ainda a este nível, uma ideia muito interessante: colocar sobre as telas das coberturas visíveis seixos rolados retirados dos terrenos que serão submergidos pela barragem do Alqueva.



• Fig. n.º 19 – Perspectivas interna (elemento rampa) e de espaços de logradouro

Conclusão

O estudo realizado no Curso de Ensino Fundamental Unificado da Fundação Centro de Desenvolvimento de Curitiba apresenta todos os dados necessários para a elaboração de um projeto educacional. A elaboração deste trabalho envolveu a realização de pesquisas bibliográficas e a aplicação de um questionário complementar sobre as ideias dos alunos.

A primeira fase do trabalho consistiu na coleta de informações sobre uma escola estadual pública localizada no bairro de Santa Felicidade, a fim de obter dados sobre o contexto social, econômico e cultural da comunidade. Para isso, foram realizadas visitas de campo e entrevistas com professores e funcionários da escola. Os dados coletados foram analisados e sintetizados em um relatório descritivo da realidade educacional. A segunda fase consistiu na elaboração de um projeto educacional baseado nos dados coletados e na aplicação de um questionário complementar sobre as ideias dos alunos.

A terceira fase do trabalho consistiu na elaboração de um projeto educacional baseado nos dados coletados e na aplicação de um questionário complementar sobre as ideias dos alunos. A quarta fase consistiu na elaboração de um projeto educacional baseado nos dados coletados e na aplicação de um questionário complementar sobre as ideias dos alunos.

Capítulo



Um trabalho de conclusão de curso é um trabalho acadêmico que apresenta os resultados de uma pesquisa realizada durante o curso de graduação.

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de uma pesquisa realizada durante o curso de graduação. O trabalho é dividido em capítulos que abordam diferentes aspectos da pesquisa.

Conclusão

O estágio realizado no Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos da Fundação Convento da Orada revelou-se muito enriquecedor a todos os níveis, particularmente pela diversidade de trabalhos realizados. A pluridisciplinaridade dos trabalhos desenvolvidos manifestou-se extremamente motivadora e aliciante, permitindo uma formação complementar dentro de diversas áreas.

A primeira fase incidiu, essencialmente, num trabalho de investigação sobre uma época arquitectural passada, assumindo contornos de uma fase posterior à de um curso superior, podendo, inclusivamente, servir de base para um futuro mestrado. Este trabalho de pesquisa e de levantamentos sistemáticos resultou numa imensa gama de conhecimentos adquiridos, tanto nas metodologias a utilizar neste género de tarefas, como na própria temática abordada. Os ensinamentos recolhidos permitiram uma caracterização incisiva da realidade quinhentista e seiscentista alentejana, complementando as matérias leccionadas na Faculdade de Arquitectura.

É permitido retirar uma conclusão depois do trabalho realizado: existe uma relativa falta de monografias sobre inúmeros monumentos, assim como de levantamentos disponíveis. A falta de cartas patrimoniais locais, regionais e nacionais também é evidente e consiste numa das preocupações do Centro de Estudos. Devido a estes factos, o trabalho realizado no estágio insere-se numa base de dados mais vasta, que pretende colmatar o atrás referido. Neste sentido, o objectivo principal tem vindo a ser o de produzir um trabalho de investigação sistemático de bases científicas, que traga um contributo para o conhecimento e que sirva para o investigador e para o estudante, aluno de mestrado e doutoramento.

A segunda fase do estágio consistiu numa experiência prática enquadrada no desenvolvimento tipológico de um programa habitacional. Este trabalho acabou por dar continuidade ao desenvolvido nas disciplinas de Projecto, sendo que, nesta ocasião, os condicionamentos são reais e as dificuldades acrescidas. No entanto, a

existência de condicionamentos e dificuldades é positiva, pois, desta forma, existe um estímulo superior na procura das soluções mais adequadas.

O projecto de Caminha permitiu um aprofundamento considerável da temática habitacional, tendo-se estudado as mais pormenorizadas relações entre os diferentes espaços compositivos da "casa". Os compartimentos íntimos e privados, os compartimentos sociais, os espaços sobrantes, os espaços de circulação, todas estas questões foram exaustivamente equacionadas, seguindo uma linha condutora definida pelo orientador e restante equipa de projectistas.

A terceira fase prosseguiu o trabalho prático de projecto, desta feita inserido numa temática distinta: a colaboração num projecto de um edifício sede de uma empresa com uma dimensão considerável. Esta experiência foi muito gratificante ao nível dos conhecimentos adquiridos.

Trabalhar com base nos diversos enquadramentos legislativos aplicáveis, na organização funcional pretendida, bem como com base no organigrama de distribuição do pessoal, permitiu um acrescento de uma dimensão programática ao conceito projectual. A complexidade de relações e exigências funcionais do edifício concederam uma mais valia em termos de experiência e capacidade de desmontagem de programas relativamente elaborados.

No entanto, também foi possível explorar exaustivamente a dimensão poética e artística da Arquitectura, assim como pretendia o cliente. Neste particular, o emprego de imagens virtuais (tridimensionais) para testar as soluções congeminadas conferiu uma afectação de realismo e uma percepção muito concreta do projecto em si mesmo.

O trabalho desenvolvido configurou-se ao nível de um estudo prévio, com uma definição de espaços e volumetrias gerais. Prosseguir com esta edificação para uma fase mais adiantada de um projecto de execução seria muito interessante. Poder evoluir de escala e perceber as relações entre o pormenor e o geral, assim como seguir todo o processo desde a cristalização da ideia até à execução e acompanhamento em obra serviria de complemento perfeito aos trabalhos realizados durante este estágio. Eis, portanto, uma alusão a um estágio futuro que espero poder realizar.

Bibliografia

- ATANÁSIO, Manuel Mendes, A Arte Manuelina, Lisboa, Ed. Presença, 1988
- CORREIA, José Eduardo Horta, A Arquitectura Portuguesa, Lisboa, Ed. Presença, 1991
- KUBLER, George, A Arquitectura Portuguesa Chã, Lisboa, Ed. Vega, 1988
- MOREIRA, Rafael, A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal – A Encomenda Régia Entre o Romano e o Moderno, Diss. Dout., UNL, FCSH, 2 vols., Lisboa, 1991
- SILVA, Jorge Henriques Pais da, Estudos sobre o Maneirismo, Lisboa, Ed. Estampa, 1982
- SILVA, Jorge Henriques Pais da, Páginas de História de Arte, Lisboa, Ed. Estampa, 1988
- SILVA, José Custódio Vieira da, O Tardo-Gótico em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1989

